



MARIA LOURETO DE LIMA



**A DIDÁTICA E A
CONSTRUÇÃO DA
PRÁTICA DOCENTE**



 **hawking**
EDITORA

A DIDÁTICA E A CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE

DIREÇÃO EDITORIAL: Betijane Soares de Barros
REVISÃO ORTOGRÁFICA: Autor
DIAGRAMAÇÃO: Luciele Vieira
DESIGNER DE CAPA: Editora Hawking
IMAGENS DE CAPA: Canva.com

O padrão ortográfico, o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas do autor. Da mesma forma, o conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu autor.



Todos os livros publicados pela Editora Hawking estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

2022 Editora HAWKING
Avenida Fernandes Lima, N° 08, Farol. Maceió/AL.
CEP 57057-450
www.editorahawking.com.br
editorahawking@gmail.com

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

L732

Lima, Maria Loureto De

A didática e a construção da práxis docente / Maria Loureto De Lima. – Maceió: Hawking, 2022.

Livro Impresso

126 p.

ISBN 978-65-88220-43-6

1. Didática - Métodos de ensino, instrução e estudo – Pedagogia.
I. Lima, Maria Loureto De. II. Título.

CDD 371.3

Índice para catálogo sistemático

I. Didática - Métodos de ensino, instrução e estudo – Pedagogia

MARIA LOURETO DE LIMA

**A DIDÁTICA E A CONSTRUÇÃO
DA PRÁXIS DOCENTE**

Maceió-AL
2022  **awking**
EDITORA

Direção Editorial

Dra. Betijane Soares de Barros, Instituto Multidisciplinar
de Alagoas – IMAS (Brasil)

Conselho Editorial

Dra. Adriana de Lima Mendonça/Universidade Federal de
Alagoas – UFAL (Brasil), Universidade Tiradentes -
UNIT (Brasil)

Dra. Ana Marlusia Alves Bomfim/ Universidade Federal
de Alagoas – UFAL (Brasil)

Dra. Ana Paula Morais Carvalho Macedo /Universidade
do Minho (Portugal)

Dra. Andrea Marques Vanderlei Fregadolli/Universidade
Federal de Alagoas – UFAL (Brasil)

Dr. Eduardo Cabral da Silva/Universidade Federal de
Pernambuco - UFPE (Brasil)

Dr. Fábio Luiz Fregadolli//Universidade Federal de
Alagoas – UFAL (Brasil)

Dra. Maria de Lourdes Fonseca Vieira/Universidade
Federal de Alagoas – UFAL (Brasil)

Dra. Jamyle Nunes de Souza Ferro/Universidade Federal
de Alagoas – UFAL (Brasil)

Dra. Laís da Costa Agra/Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ (Brasil)

Dra. Lucy Vieira da Silva Lima/Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil)

Dr. Rafael Vital dos Santos/Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil), Universidade Tiradentes - UNIT (Brasil)

Dr. Anderson de Alencar Menezes/Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil)

Dados Biográficos da autora



Maria Loureto de Lima

Doutoranda em Ciência da Educação
Mestra em Ciência da Educação

Especialização em:

Administração Escolar; Inspeção Escolar;
Supervisão Escolar; Orientação Escolar;
Educação Especial; Educação de Jovens e
Adultos; Docência do Ensino Superior;
Administração Pública; Psicologia da
Criança e do Adolescente; Políticas Públicas.

Cargos ocupados:

Delegada Regional da Educação; Secretária Municipal de
Administração; Secretária de Ação Social; Secretária Municipal
de Educação.

AGRADECIMENTO

A Deus por me conceder o dom da vida Aos meus pais pelo incentivo aos meus Estudos e a Prof^a Dulcegleide Braga Leite pela contribuição Relevante na minha caminhada. Muito obrigada!

LISTA DE ABREVIATURAS

CE: Ceará (estado brasileiro)

EEF: Escola de Ensino Fundamental

LDB: Lei de Diretrizes e Base da Educação

SAEB: Sistema Nacional de Avaliação Educacional Básica

PCNs: Parâmetros Curriculares Nacionais

RCBs: Referenciais Curriculares Básicos do Estado do Ceará

DDH: Declaração dos Direitos Humanos

UE: Unidade escolar

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS PROFESSORES.....	109
GRÁFICO 2: FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES.....	110
GRÁFICO 3: NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS FUNCIONÁRIOS.....	110
GRÁFICO 4: RENDIMENTO ESCOLAR DOS ALUNOS OBSERVADOS – REFERÊNCIA 2010.....	111
GRÁFICO 5: PROFESSORES QUE DESENVOLVEM A PRÁTICA PEDAGÓGICA UTILIZANDO A DIDÁTICA METODOLÓGICA.....	112

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: RAZÕES PARA A ELABORAÇÃO DO PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO.....	113
Tabela 2: DIFICULDADES ENCONTRADAS PARA A ELABORAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO....	114
Tabela 3: TIPOS DE MÉTODOS DE ENSINO UTILIZADOS PELOS PROFESSORES EM SALA DE AULA.....	115
Tabela 4: DESENVOLTURA NA LEITURA.....	115
Tabela 5: ALUNOS EVADIDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL I.....	116

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

MARCO INTRODUTÓRIO.....	13
1.1 – Introdução.....	13
1.2 Capítulos do trabalho.....	18
1.3 - Planejamento do Problema.....	21
1.4 - Formulação do problema.....	22
1.5 - Perguntas específicas.....	22
1.6 - Objetivos da investigação.....	22
1.6.1 - Objetivo geral.....	23
1.6.2. Objetivos específicos.....	23
1.7 - Justificativa da Investigação.....	24
1. 8 – Variável.....	25

CAPÍTULO II

MARCO TEÓRICO.....	26
2.1. Concepções.....	26
2.2. A Didática e suas dimensões.....	28
2.3. A Didática e Paradigmas Atuais da Educação.....	32
2.4. A Didática e a Vida Social do Aluno.....	34
2.5. A Didática e as Práticas Sociais.....	46
2.6. A Didática e a Formação de Professores.....	56
2.7. A Didática na Aplicação do Currículo.....	69
2.8. A Didática e o Planejamento Escolar.....	74
2. 9 - A Didática e o Processo de Avaliação da Aprendizagem.....	80
2.10 – A Didática e os conteúdos.....	88
2.11 - Suporte para a ação pedagógica.....	95
2.12 - Funções dos recursos didáticos.....	100
2.13 - Classificação brasileira dos recursos audiovisuais.....	100

CAPITULO III	
MARCO METODOLÓGICO.....	102
3.1- Características metodológicas.....	102
3.2 - Tipo e nível de investigação.....	102
3.3 - Desenho da investigação.....	104
3.4 – População e Amostra.....	105
3.5 - Técnicas e coleta de dados.....	106
3.6 - Processamento e análise de dados.....	107
CAPÍTULO IV	
MARCO ANALÍTICO.....	108
4.1. Resultados e análises.....	108
4.2. Conclusões e Recomendações.....	116
REFERÊNCIAS.....	120

CAPÍTULO I

MARCO INTRODUTÓRIO

1.1 - Introdução

A presente atividade trata de um trabalho investigativo com prática no município de Juazeiro do Norte, Ceará, na Escola de Ensino Fundamental Figueiredo Correia. Neste trabalho observam-se os resultados dos trabalhos realizados durante a pesquisa.

No que pese aludir sobre as dificuldades apresentadas pela maioria dos professores, no que se refere à falta de interesse dos alunos no processo de aprendizagem, o que tem provocado uma taxa considerável de reprovação na escola, nos vestibulares e nos concursos públicos e outros. O objeto de estudo é a prática docente, que fomenta a investigação proposta para atender as exigências do Curso de Mestrado em Ciências da Educação.

Também ainda aparece nas estatísticas, elevado percentual de evasão, acarretando interrogações sobre a prática pedagógica, dentre outros fatores que cercam os alunos. A reprovação e a evasão, portanto, continuam sendo grandes focos de preocupação. A qualidade do ensino também nos chama atenção sobre o processamento estético das aulas, nos levando a pensar como está sendo considerada a didática ou lembrado que pedagogia é vivenciada.

E se tratando de pedagogia, entende-se atualmente por ela, o conjunto de doutrinas, princípios e métodos da educação para a criança e o adolescente na busca de facilitar a aprendizagem. Considera-se que, para viver o saber

pedagógico, é necessário contar com o embasamento das teorias cognitivas – evolutivas de Piaget, sociais – cognitivas de Vygotsky, pois foram eles que pensaram o homem intimamente ligado ao seu meio sócio econômico – cultural.

Sendo a “Didática” a parte da pedagogia considerada uma teoria do ensino, na qual se reflete o como ensinar, o que ensinar como planejar e este, indica como avaliar que, se ocupa dos métodos e técnicas de ensino e estuda o processo ensino aprendizagem, possui um valor indiscutível no exercício docente.

O educador Jan Amos Komenský, conhecido por “Comenius”, reconhecido como o pai da “Didática moderna”, sendo considerado um dos maiores educadores do século XVII, através dos seus estudos, nos apresenta como elementos da ação didática: professores, alunos, disciplina, contexto da aprendizagem e estratégias metodológicas.

Comenius, ao observar as práticas de seu tempo, sistematizou a sua teoria pedagógica tendo como centralidade a ação de alguns elementos: educação como arte, escola como oficina e o mestre como artífice (CANDAU, Vera Maria Ferrão) A didática e a formação de educadores.

Avaliando o que Comenius observou em seu tempo, no que se relaciona à prática pedagógica e o papel da escola, podemos com pouco ou quase nenhum esforço perceber que há uma necessidade premente de melhorar o desempenho dos objetivos da escola e respectivamente do professor, e assim, teremos uma educação que contribuirá para a mudança da sociedade, em seu pensar e agir.

A escola por sua vez ainda demonstra certa fragilidade por parte dos seus componentes, no entendimento da sua função perante o homem e a sociedade. Observando algumas

práticas pedagógicas na escola que elege como campo de pesquisa, entendendo o quanto é necessário inovar. Determinados professores já vivem uma prática diferenciada, fortalecida por uma linha interativa, reconhecendo o aluno como ente que possui conhecimentos: outros professores lamentavelmente formam a maioria e não procuram novas leituras, acomodam-se a uns saberes que não representam as leituras atuais. Alguns comportamentos e atitudes vividos em sala de aula inibem o aluno, contrariando a motivação e esse aluno não se sentindo o objeto a ser ajudado, perde o interesse pela aprendizagem e não lê com proficiência que o leva a se afastar da sistematização das aprendizagens. O resultado é óbvio: aulas enfraquecidas, reprovações, evasões demonstrando ainda que a compreensão que esses professores têm sobre o processo de avaliação é que, este acontece via mão única.

A escola deve ser rotineiramente movida por profissionais habilidosos e sensíveis à causa, conhecendo e valorizando suas possibilidades, e com elas trabalhando em busca de uma entidade transformadora, com vista à valorização do potencial humano nela existente. A pesquisa que norteará o presente trabalho é descritiva com abordagens que intensificarão o alcance do objetivo proposto. A escola como oficina e o Mestre como artifice, pregada pelo pai da Didática Magna –Comenius - aos nossos olhos ainda está aquém, a escola vem de uma caminhada com muita dificuldade em seus recursos materiais e Humanos se distanciando muito do que a sociedade espera e precisa. A sociedade, embora pouco colaborativa, deseja uma escola atuante, moderna na sua prática, justificando a sua existência com competência, habilidade e sensibilidade.

Na maioria das vezes a comunidade não se torna colaborativa pelo fato da escola desconhecer a sua importância. A escola se fecha, anula o potencial que é a comunidade cortando a sua participação, logicamente não pratica a democracia, o que nega os ditames da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996, LDB, que em seu bojo, fala sobre a importância da participação da comunidade, e o caráter democrático que a escola precisa construir.

A prática docente na sua competência levará a sociedade a repensar e com a aquisição de conhecimentos essa sociedade se transformará, através das atitudes e do comportamento dos seus cidadãos.

A compreensão sobre competência na escola, parte dos princípios legais o direito das crianças freqüentarem o ensino fundamental está garantido através da constituição pela Declaração dos Direitos do Homem, DDH pelo estudo da criança e do adolescente, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96 – LDB). Nele as crianças poderão formar valores, normas e atitudes que venham favorecer à sua cidadania.

O conhecimento dos conteúdos e a habilidade em interagi-los com o aluno fazem o processo ensino aprendizagem existir, passando dessa forma a ser cumprido dos objetivos da escola que é o de transcender atitudes e comportamentos. Lamentavelmente a escola ainda tem como centro de suas funções a aprendizagem de conceitos, muitas vezes esquecendo que nela, existem outras demandas que precisam ser solucionadas, pois essa vai além de assimilar conceitos. Hoje, mais que antes, é necessário ter conhecimento para saber

fazer, selecionando informações, conquistando, mediando e renovando os saberes, sabendo aprender.

A prática educativa sob o olhar da sensibilidade se faz necessária no dia a dia da sala de aula. Olhar as experiências de cada criança e os significados que dão a elas, escutando sua subjetividade, com todo o potencial criativo, é indispensável.

A didática quando se manifesta, contribui significativamente no processo ensino aprendizagem cabendo, portanto, ao docente entender que atualmente os tempos oferecem oportunidades de realização de transformação fundamentais, abrindo novas perspectivas do mundo e de realizações do homem, sendo essencial modernizar o espaço pedagógico e a maneira de articular os conteúdos e as relações com os alunos.

A fundamentação teórica desse trabalho será apoiada em autores Brasileiros: José Carlos Libâneo, Vera Maria Candau, Regina C. Cazaux Haidt, Ilma P. A. Veiga, Piaget, Pirrenoud, Paulo Freire, Luckese, Goodson, Teresinha Rios, Fusari, com suas visões diferenciadas. Nesse sentido o objetivo maior desse trabalho é mostrar a necessidade do resgate da didática, na prática docente, a sua contribuição e suas dimensões e concepções.

Sua metodologia está embasada numa abordagem qualitativa visando traçar um perfil de como se encontra a prática docente, quando esta não conta com a didática.

O professor indo à busca dos acertos pedagógicos, valorizando-se para valorizar a arte de ensinar, valorizando o aluno, objeto maior no processo de ensino aprendizagem, entendendo o sentido da educação, a importância de sua formação contínua proporcionará melhores condições para o

aluno desenvolver o seu potencial.

A interação na sala de aula faz professor e aluno crescerem e melhor entenderas incertezas que a sociedade formada por nós, nos apresenta: “Um entendimentocrítico da realidade através do estudo das matérias escolares” (LIBÂNEO,1994, p.35).Com isso o aluno terá mais capacidade de expressar os conhecimentos de interesse da sociedade, ou seja, com conteúdos significativos que, motivem o alunopara a compreensão do que diz o professor, contribuindo com a harmonia no desenvolvimento do processo ensino aprendizagem.

1.2 Capítulos do trabalho

No capítulo 2.1. O trabalho trata das concepções, quanto ao conceito e importância da Didática na prática pedagógica. Uma abordagem do que apresenta Comenius através de suas obras dentre elas a Didática Mágna.

Buscamos também, estudiosos como Pestalozzi e Rousseau que deram grande contribuição a educação. O item, também atenta para a concepção dada á Didática, por Libâneo no que se refere à Didática e as metodologias específicas.

No item 2.2, o trabalho refere-se á Didática e suas dimensões como foco na ausência quase total da criatividade, novas propostas no que toca ao desenvolvimentodo aluno e suas compreensões do mundo ao seu entorno. A importância da Didática como projeto de transformação da sociedade repensando o cotidiano da sala de aula.No item 2.3, o trabalho faz referência á Didática e Paradigmas Atuais da Educação, esse item é uma conversação com alguns autores, não

significa uma clássica “revisão bibliográfica”. Dar-se um destaque á Didática Instrumental dos anos 1970 e a Didática Fundamental dos anos 1980 através das obras de: Comenius, Veiga e Candau.

No item 2.4, trata-se da Didática e a Vida Social do Aluno. Que influência tem a Didática na vida social do aluno? Que papel a escola está desenvolvendo na busca de interagir o aluno com o seu meio? O que considera Vygotsky na organização didático professor em prol da interação do aluno com novos conhecimentos? Também atenta para a forma de tratamento do professor com o aluno, chamando o mundo afetivo com consciência da importância de ambos no cenário educacional.

No item 2.5 o trabalho se volta para a Didática e as Práticas Sociais, lembrando que a prática social é resultado também do processo ensino-aprendizagem, quando essa se relaciona com a diversidade de conhecimentos que contribuem para o convívio do aluno e do próprio professor. Neste item o trabalho foca a prática pedagógica como grande aliada das boas relações dentro da sala de aula, a valorização dos entes mais envolvidos com o processo pedagógico e o que faz repercutir na sociedade essa tentativa de reconstruir valores. Esse item traz ainda, leituras feitas por educadores que instrumentalizam os entendimentos sobre a prática pedagógica por excelência, falamos de Paulo Freire, Gadott, Santos, Terezinha Rioste Edgar Morim.

No item 2.6 o trabalho fala sobre a Didática e a Formação de Professores, com base na necessidade de uma leitura reflexiva de como estão sendo procedidas as formações, hoje consideradas como um processo contínuo em virtude do professor estar em constante construção de conhecimentos junto

ao aluno. Observam-se ainda as concepções de Paulo Freire se direcionando ao processo de ensino e aprendizagem, com ética e com estética.

No item 2.7. Esse capítulo faz uma abordagem sobre a importância da aplicabilidade e interação do currículo através do docente quando da sua prática junto aos discentes. Também ressalta o conhecimento dos conteúdos, sua organização e sua coerência com o contexto social. As Referências Básicas da Educação - RCBs norteiam essa importância de ordenação, organização chamando a atenção para a competência do docente, considerada como um dos focos mais importantes na articulação do processo de ensino e aprendizagem.

O item 2.8 faz menção sobre a importância do ato de planejar, buscando elucidar suas concepções e a necessidade do professor realizá-lo de maneira sistematizada, com eficácia, perseguindo o seu objetivo primordial que, é a aprendizagem do aluno. Trata ainda sobre o envolvimento dos gestores da escola, qualificação e sensibilidade para com o processo pedagógico.

O item 2.9 busca esclarecer que as metodologias inovadoras, quando utilizadas no exercício da prática pedagógica, contribuem no processo de avaliação da aprendizagem, considerando que o processo de ensino acontece através das atividades construídas pelo aluno com a mediação do professor.

O capítulo tenta alertar o professor para a responsabilidade que esse tem sobre o processo de avaliação, indicando a sua bilateralidade, pois à medida que se avalia

o aluno está também submetendo as suas atividades, seus procedimentos e sua postura a uma avaliação, essencialmente no campo da observação.

No item 2.10 trata a respeito da distinção entre o conhecimento científico e a disciplina escolar e a sua transposição de forma didática impulsionando a vontade do aluno em interagir com os conteúdos ministrados e ou constantes do livro didático e em outros recursos didáticos. A importância da interdisciplinaridade como prática na relação com os conteúdos e as alternativas que a didática tem para contribuir com a aprendizagem do aluno.

No item 2.11 são apresentadas algumas técnicas que servem como instrumentos do professor na busca de tornar a aula mais eficiente.

O item 2.12 apresenta uma abordagem sobre as funções específicas dos recursos didáticos, sua funcionalidade e sua importância no desenvolvimento dos alunos, seus interesses e necessidades.

O item 2.13 atenta para as funções dos recursos didáticos nas áreas: cognitiva, afetiva e psicomotora.

1.3 - Planejamento do Problema

O trabalho investigativo ocorre através da Escola de Ensino Fundamental Figueiredo Correia, no município de Juazeiro do Norte, estado do Ceará, no momento com base nos resultados apresentados através da prática docente.

A situação constatada é que são vários os desafios enfrentados por professores e alunos diante a falta de eficiência de determinados professores. O que exige de nossa parte um aprofundamento a respeito da importância da didática na prática docente.

1.4 - Formulação do problema

A distância entre a teoria e a prática causa ineficiência na aprendizagem e eleva o índice de repetência e evasão escolar. Esta afirmação leva a fazer a seguinte pergunta: Qual o desenvolvimento da prática docente no contexto atual?

1.5 - Perguntas específicas

- Qual o nível de qualidade nos resultados da aprendizagem dos alunos?
- De que forma acontece a sistematização do planejamento pedagógico?
- Qual a importância da didática na prática pedagógica?
- Existe uma interação entre a ação pedagógica e a fundamentação teórica?
- De que maneira a relação professor aluno, aluno e professor?
- Em que pese o processo de avaliação da aprendizagem, como esse está sendo desenvolvido?

1.6 - Objetivos da investigação

1.6.1 - Objetivo geral

Compreender o desenvolvimento da prática docente no contexto atual.

1.6.2. Objetivos específicos

- Investigar a qualidade nos resultados da aprendizagem.
- Examinar a sistemática do planejamento pedagógico.
- Avaliar a compreensão sobre a importância da didática na política pedagógica.
- Investigar a relação teoria e prática na ação docente.
- Diagnosticar o nível de interação dos docentes e discentes.
- Verificar a forma de avaliação no processo ensino-aprendizagem.

1.7 - Justificativa da Investigação

A pesquisa que intento realizar é uma trilha que, me levará ao encontro de situações que possivelmente respondam às minhas inquietações pedagógicas.

Assistimos diariamente a vigorosas críticas sobre as estatísticas que revelam resultados da aprendizagem e do processo de formação para o exercício da cidadania. E a preocupação não se exaure nessa preposição, não, todavia existe um considerável número de evidências confirmando a existência de uma escola fraca, muitas vezes chegando a ser medíocre em alguns aspectos.

Os discentes estão deixando de freqüentar a escola alimentando, contudo, os desagradáveis números dos índices de evasão e aqueles que nela permanecem não demonstram resultados satisfatórios.

A leitura não apresenta qualidade, a escrita é incorreta e a perspectiva de futuro não é expressiva. Desejamos observar quais recursos pedagógicos são aplicados na sala de aula, que articulações acontecem entre escola e família.

Considerando a importância da prática pedagógica bem elaborada, nos resultados da aprendizagem, vislumbra-se o seu exercício, com maior aproximação da realidade do dia a dia.

Uma reavaliação dos resultados da escola atual, incluindo a comunidade através de seus representantes, analisando quais competências estão sendo trabalhadas, para nortear um modelo mais eficiente e eficaz do planejamento pedagógico é de vital importância para contribuir na qualificação do fazer pedagógico.

A resistência às mudanças ainda é notória, pois, a sala de aula precisa ser reconhecida como espaço para interações de saberes e de fazeres, com ligação no contexto social e na vivência diária do discente.

1. 8 – Variável

VARIÁVEL	CONCEITUALIZAÇÃO	DIMENSÕES	INDICADORES	INSTRUMENTOS
Desenvolvimento da prática docente	Os resultados do processo de ensino aprendizagem demonstram fragilidade na formação do professor, nas relações com os conhecimentos, alunos, comunidade e com os gestores comprometendo o planejamento e a prática pedagógica.	Qualidade	Contextualização Significativa Interação	Questionário
		Planejamento Sistemático	Organização Contextualização Significativa	Questionário
		Importância da Didática	Organização Uso de técnicas Diálogo	Questionário
		Relação Teoria-Prática	Conhecimentos Conteúdos Projetos	Questionário
		Interação Docente-Discente	Diálogo Confiança Estímulo	Questionário
		Forma de Avaliação	Diagnóstico Continuado Integrativa	Questionário

CAPÍTULO II

MARCO TEÓRICO

2.1. Concepções

Quanto ao conceito e à importância atribuída à didática, encontra-se:

A Didática é um campo de estudo, uma disciplina de natureza pedagógica aplicada, orientada para as finalidades educativas e comprometida com as questões concretas da docência, com as expectativas e com os interesses dos alunos. (VEIGA, 2006, p.08)

Enquanto Comênius teceu, através de suas obras, dentre elas a Didática Magna, instruções para uma compreensão que a didática é a “arte de ensinar tudo a todos” e que a didática deveria ser um instrumento de libertação para o século XVII, no sentido de reforma, tendo como objeto o protestantismo.

Com o passar do tempo foram realizados outros estudos e novos conceitos foram surgindo, Pestalozzi, Rousseau entre vários educadores contribuíram na concepção de didática na época, se sobrepondo ao ensino, ou seja, uma concepção inadequada, todavia este é um dos componentes básicos do processo, ensino-aprendizagem.

O que nos faz crer que o objeto de estudo da didática é a prática escolar, expressada no processo ensino-aprendizagem. O saber fazer técnico do professor a sua competência profissional constituiu uma condição indispensável ao exercício da prática docente.

Resgatar as possibilidades da didática reconhecendo seus limites, funções e objetivos, já que, ao buscarmos reconstruí-la, estaremos trabalhando no sentido da reconstrução da própria prática pedagógica, propor alternativas para a construção de conceitos e práticas de planejamento, de definição de objetivos, de estratégias de ensino e de avaliação. É o que se constitui em nova leitura sobre a didática. É visível que vários estudos aconteceram na perspectiva de se construir definições sobre o tema em pauta, todavia compreende-se que as definições deverão acompanhar o comportamento social das gerações não estabelecendo, portanto, compreensões fechadas e definidas.

A compreensão que, é necessária ao resgate da didática para a prática pedagógica, de forma repensada é gerida pelos resultados na aprendizagem, os conteúdos não atendem ao processo de continuidade de um ano para o outro, o controle comportamental dos alunos e do próprio professor, a construção autônoma de atividades e conhecimento através dos alunos, a postura do professor, as relações professor x aluno, aluno x professor, a ausência do planejamento adequado, são questões pertinentes a uma revisão, pois são elementos que possuem como finalidade, influência na prática pedagógica.

A didática é o estudo da situação institucional, isto é, do processo de ensino e aprendizagem, e nesse sentido ela enfatiza a relação professor aluno. (HAYDT, 2003, p.13)

A didática e as metodologias específicas das disciplinas, apoiando-se em conhecimentos pedagógicos e científico-técnicos, são disciplinas na que orientam a ação docente partindo das situações concretas em que se realiza o ensino. (LIBÂNEO, 1994, p. 13)

A Didática abrange ainda muitos outros conceitos que se fazem presente na prática do professor e sobre a arte do ensino. Atualmente encontramos várias definições para o “fazer” do professor: prática docente, prática de Ensino, metodologia, ensino, procedimento didático, ação pedagógica e métodos de ensino.

Tomando como base todas essas definições, o que é a Didática? Podemos conceber como um campo de estudo que vai à procura de conhecimentos para aprimorar a prática pedagógica, facilitando o acesso para o processo ensino aprendizagem.

O dicionário nos transmite que, didática é a “técnica de dirigir e orientar a aprendizagem”.

Retomando Comênio encontramos a crença que este tinha em encontrar um só método capaz de ensinar a todos, tudo o que fosse necessário e esclarece que a proa e a popa de nossa didática será investigar e descobrir o método segundo o qual os professores ensinem menos e os estudantes aprendam.

2.2. A Didática e suas dimensões

A Didática assim como outras disciplinas, apresenta suas dimensões: a explicativa, que possibilita a compreensão de seu objeto de estudo, e a projetiva, que viabiliza a proposição de novas formas de ação didática. Tais dimensões apresentam-se numa relação dialética de dependência, pois a razão de ser, a justificativa última do aprofundamento na compreensão do ensino se encontra em gerar novas propostas de ensino. (CONTRERAS, 1990, p. 19).

Daí compreende-se a escassez de propostas inovadoras para a prática pedagógica, pela ausência ou pelas poucas propostas surgidas. Como são geradas novas práticas se inexistente a vocação para as mudanças e a prática do estudo? Em que se fortalece o professor quando esse não estuda? O questionamento procede pela condição que o aluno apresenta, ou seja, o aluno é acanhado no pensar e no agir, ora a família já não cuida como é preciso, por vários motivos e a escola por sua vez que se encontra aparelhadamente deficiente, só nos traz preocupações com o nível de qualidade do ensino.

Em que pese a compreensão, o processo ensino-aprendizagem como prática pedagógica que ocorre dentro da sala de aula, onde o professor e o aluno se interagem para a transmissão e assimilação de um saber científico, através de determinados meios e procedimentos, não é neutra. Isto porque a prática pedagógica deve gerir ligações, entrosamento no que tange as ações internas da sala de aula e com os acontecimentos externos que se precedem no âmbito do contexto social.

A utilização de técnicas inovadoras, o uso de leituras atualizadas, aulas dinamizadas, voltadas para conteúdos significativos, o conhecimento da realidade do aluno, tudo isso intensifica o processo de interação e de um relacionamento coerente entre a teoria e a prática sendo criteriosamente acompanhado, por profissionais que possuem argumentos na área do conhecimento didático; que se apresenta também com deficiência, os que se encontram nas funções de coordenadores pedagógicos muitos não primam pela aquisição de conhecimentos.

Didática teórica é aquela desenvolvida nos programas da disciplina, segundo pressupostos científicos que visam a ação educativa, mas distanciada desta. São pressupostos abstratos que se acumulam sobre o processo de ensino na busca de torná-los mais eficientes. Didática prática é aquela vivência pelos professores nas escolas a partir do trabalho prático em sala de aula, dentro da organização escolar, em relação com as exigências sociais. (PURA, 1989, p. 21)

As novas formas de didática, citadas no significado da dimensão projetiva, fortalecem a necessidade interativa impondo ética, entendimento, diálogo, reciprocidade, acolhimento e principalmente o respeito às diferenças.

A Didática na prática docente deve se constituir em um projeto de transformação da sociedade, havendo, portanto a necessidade de professores competentes, politicamente cientes do seu papel e do papel da educação na sociedade, assim como preparado tecnicamente para lidar com o conteúdo a ser reelaborado para o aluno em sala de aula.

A prática pedagógica é uma ação a ser repensada em seu cotidiano, por outrolado nos deparamos com as condições precárias de trabalho do professor, a evasão, a relação escola x família, o comportamento do professor e do aluno, a questão do currículo e sua relação com a sociedade, enfim é preocupante. Isto porque a forma de ensinar, além da atividade planejada de um professor para transmitir direta ou indiretamente um saber, utilizando-se de procedimentos e recursos específicos, e além da atividade de um aluno para assimilar, memorizar, descobrir e produzir um novo saber, expressa uma forma de ensinar possui determinada formação social como o seu ponto de partida e de

chegada.

Fica claro que a teoria pedagógica comeniana em sua construção, enquanto um referencial de orientação do processo educativo escolar.

Traz o refletir pedagógico para o ponto de origem da pedagogia moderna, que tem por base que os seres humanos não nascem prontos de acordo com um projeto da natureza ou de qualquer Deus ou arquiteto extra-humano, mas que se tornam humanos e eles próprios definem a tentativa de influir no desenvolvimento. (ARROYO, 1998, p.144)

A didática como atividade pedagógica escolar direciona o fazer pedagógico contribuindo com a formação docente, como também com a participação efetiva do estudante assegurando o fazer pedagógico nas dimensões político-social e técnica.

É responsável pelos processos formativos como também para elaboração do projeto político, do currículo, das matrizes de conhecimento, aperfeiçoando o âmbito de produção do saber. Tendo como objetivo primordial o desenvolvimento físico e intelectual dos alunos e sua preparação para a vida.

Para tanto, o objeto de estudo da didática é o ensino que está intimamente ligado com a instrução, que englobam todos os componentes de ensino desde o planejamento escolar e suas diretrizes normalizadoras do processo até a avaliação da aprendizagem. Assim, a didática investiga os métodos eficazes para a aprendizagem efetiva do aluno.

A natureza do trabalho consiste na mediação do conhecimento, reforçando a dialogicidade do processo. Para que haja sucesso no propósito educativo, professor e aluno precisam

estar em sintonia com os interesses próprios de aprender e ensinar.

2.3. A Didática e Paradigmas Atuais da Educação

Neste item optamos por “conversar” com alguns autores, não se tratando de uma clássica “revisão biográfica.”

O ponto de referência para o estudo da didática crítica é a da década de 1980. É nesse período que surge uma séria oposição à concepção corrente de didática, a qual sai de um período em que se havia exaltado o método e a técnica de ensino, especialmente na década de 1970. À Didática Instrumental dos anos 70, contrapõe-se a Didática Fundamental dos anos 80, nos atentando principalmente para: Didática:

- O Ensino e suas relações, de Ilma Passos Alencar Veiga (org.)
- Didática Mágnã – Jan Amos Komenky
- Rumo a uma Nova Didática – Vera Maria Candau (org.)

A Didática Fundamental está, diretamente, ligada ao movimento pela redefinição do campo da didática, cuja maior expressão foi os seminários de didático no início dos anos 80. Mais do que um enfoque propriamente dito, foi um amplo movimento de reação a um tipo de didática baseada na neutralidade, fundada na idéia da didática como método único de ensino e, como tal, nos procedimentos formalizados daí seu nome de Didática Fundamental.

Candau assim se expressa:

O objeto de estudo da didática é o processo de ensino-aprendizagem. (...) Parto da afirmação da multidimensionalidade deste processo. O que pretende dizer? Que o processo de ensino aprendizagem, para ser adequadamente compreendido precisa ser analisado de tal modo que articule consistentemente as dimensões humana, técnica e político-social. (1984, p.13)

E conclui:

Nesta perspectiva de uma multidimensionalidade que articula organicamente as diferentes dimensões do processo de ensino aprendizagem é que propomos que a didática se situe. (idem, p.15)

A esta perspectiva de articular algumas dimensões como centro configurador da didática, ancorada na análise da prática pedagógica concreta e seus determinantes, a autora chama de Didática Fundamental. Por contraposição, chama de Didática Instrumental à didática convencional formalizada e descontextualizada.

Um resumo dos esforços obtidos dentro da proposta da Didática Fundamental foi feito por Candau (1998) em seu livro "Rumo a uma Nova Didática".

Nesta publicação a autora reafirma os pontos básicos da Didática Fundamental:

O primeiro desafio me parece que é superar esse formalismo didático e superar, portanto, essa busca incessante do método único capaz

de ensinartudo a todos. (...) O grande desafio da didática atual é, na nossa opinião, assumir que o método didático tem diferentes estruturantes e que o importante é articular esses diferentes estruturantes e não exclusivizar qualquer um deles, tentando considerá-lo o único estruturante. (1988, p. 30-31)

2.4. A Didática e a Vida Social do Aluno

Para Libâneo (1994), a ação docente nunca é unidirecional, para ele o professor precisa atuar de forma que aproxime o aluno da sua aula, exercitando o fazer pedagógico baseado na interação entre professor e aluno. Neste caso, o trabalho docente além de compartilhar conhecimentos, também necessita de saber ouvir a opinião dos alunos. A partir daí, o professor pode redirecionar o conteúdo percebendo quais as reais necessidades discentes, diagnosticando também possíveis causas de algumas dificuldades possivelmente detectadas.

O autor aborda autoridade e autonomia na relação professor-aluno, como sendo algo favorável e indispensável na condução da aula, pois ambas se relacionam, na medida que favorecem a aprendizagem. Quando o docente utiliza sua autoridade profissional, precisa estimular a capacidade de autonomia dos alunos, no ato de interagir, comunicar, trocar ideias e construir novos conhecimentos.

Nesta visão, o aluno já traz consigo sua liberdade e individualidade, portanto, a autonomia de interagir de acordo com sua realidade, de forma independente deve ser estimulada pelo professor. Mesmo que o professor direcione suas ações pedagógicas, é preciso ressaltar que o aluno pode responder de

forma ativa e independente. Assim, a autoridade não se restringe a impor. Na relação educativa a autoridade jamais deverá cerceá-la.

A forma de ser e aprender dos alunos tem reflexo direto ao meio que ele vive e ao seu convívio social, afetando diretamente à didática do professor que para ter eficácia, necessita se aproximar da linguagem do aluno. Isso não quer dizer que o professor será permissivo ou deixará o aluno fazer o que quer, mas terá a compreensão da sua didática, no momento da aula, para que possa estimular a aprendizagem.

Por outro lado, a autonomia bem exercida pelos alunos possibilita uma interação ativa no processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, o professor é chamado a inspirar seus alunos a quererem aprender, sem que sua autoridade anule essa interação. Dessa forma, é indispensável que sua metodologia se aproxime do aluno através de conteúdos significativos e ao mesmo tempo que sejam passíveis de compreensão.

Assim, Libâneo reforça que a competência técnica, do professor, deve ser aliada à competência moral e profissional, na qual se complementam para que o seu papel seja eficiente no ambiente da sala de aula. Sem existir a prática do autoritarismo que agride, humilha e destrói a relação professor-aluno, prejudicando o clima de interação durante a aula, prejudicando a construção do conhecimento pelo educando. Trata-se aqui de requisitos básicos para que a didática esteja a dispor dos alunos sem que a mesma dificulte ou limite a forma de aprender, dos mesmos. Ou seja, na linguagem docente utilizada, no tom de voz, no jeito de ouvir, existirá uma resposta do aluno adequada ao momento. Mesmo que seja preciso lidar ainda com a indisciplina.

Assim é perceptível que a educação também faz parte do acúmulo das experiências vividas, no meio social que sofre influências significativas pela ação docente, no espaço educativo. Neta condição, é contraditório negar que a didática do professor é total responsável pela condição de aprender do aluno. Ela é um suporte de importância no processo de produção de conhecimento, aliada aos valores, a família e todas as aprendizagens informais trazidas para a escola.

Então, compreende-se a didática como uma atividade social que se utiliza da sistematização do ensino para produzir conhecimentos e aprendizagens. Vale ressaltar que como prática pedagógica, está ligada diretamente ao fazer do professor, levando em conta a realidade do aluno, como troca e parceria que estabelece respeito mútuo e interesse em aprender e ensinar.

Com o perfil de mediador, o professor potencializa sua ação, desenvolvendo nas abordagens, a didática recebe uma nova intenção pedagógica que é despertar no estudante o interesse em aprender. Sendo objetivo primordial no processo educativo que o levará ao desenvolvimento cognitivo, construindo de forma protagonista o conhecimento.

Ao longo das décadas desde a educação voltada para o tecnicismo até uma abordagem mais humanizada, o papel do professor ainda não perdeu seu caráter de promover a aprendizagem junto ao aluno. Durante todos os períodos educacionais a figura do professor tem sua importância na ação educativa, como possibilitador de novas aprendizagens, ressignificando o fazer em sala de aula.

Para Libâneo (1994), todos os métodos e recursos que são colocados à disposição do professor devem promover o processo de ensino. Assim, as tecnologias diversas, como as

digitais estão incluídas neste parâmetro. A importância dos recursos utilizados aperfeiçoa a ação docente e promove a forma de aprender do aluno, valorizando o seu protagonismo, fortalecendo a atividade de ensino e a construção do conhecimento pelo estudante.

Ressalta-se a importância do protagonismo como uma premissa fundamental para o aprendizado significativo do estudante, uma vez que, o processo educativo envolve habilidades específicas do estudante, que determina a condição do aprendizado. Assim, a práxis docente permite essa via de interação entre professor e aluno, que fortalece o desenvolvimento cognitivo dos estudantes, aprimora a didática e o ensino dos professores.

Assim, a realidade escolar é composta de saberes internos e externos à instituição, que envolvem conhecimentos empíricos determinantes do jeito de aprender do aluno. Para isso, é fundamental que a função docente esteja em sintonia com essa realidade.

O aperfeiçoamento profissional como diz Libâneo “[...] é um processo pedagógico, intencional e organizado, da preparação teórico-científica e técnica do professor para dirigir competentemente o processo de ensino.”

Para o autor, a formação docente abrange as dimensões acadêmica e pedagógica, que subsidiarão todo o processo educativo tendo a didática como mediadora neste processo. Com isso, envolve todos os procedimentos da aula desde o objetivo até a avaliação da aprendizagem tornando-se inegável a sua importância requerendo uma sólida formação teórico-prática.

Em se tratando de formação docente, o aperfeiçoamento das práticas torna-se imprescindível para o bom desenvolvimento

das aulas e para que o professor construa seu fazer pedagógico apoiado em bases sólidas capazes de gerar transformações qualitativas no ambiente escolar e na forma de agir dos estudantes.

A assimilação dos conhecimentos pelos alunos é uma prática coletiva que envolve a docência e discência numa permanente construção de possibilidades de aprender. A forma como tratar o conhecimento vai além de atividades rotineiras e exercícios práticos que envolvam leituras, interpretações e cálculos. É bem mais complexo, e exige comprometimento de ambas as partes envolvidas, compreendendo a importância do ato de aprender. Ambos aprendem juntos, mesmo que em posições diferentes, mundos diferentes, vivências diferentes. É importante salientar que a profissão professor(a), é construída no chão da escola diariamente, constantemente respondendo às demandas urgentes e necessárias que ultrapassam os muros da escola.

Miguel Arroyo em sua obra intitulada “Outros sujeitos, outras pedagogias” aborda a necessidade da adaptação do currículo escolar para atender às novas demandas da sociedade. Segundo o autor, a escola precisa rever seus métodos para que envolvam e incluam as mais diferentes classes sociais que nela estão inseridas. Segundo Arroyo, [...] “ A presença de outros sujeitos nos remete a coletivos concretos, históricos, às classes sociais e aos grupos subalternizados, oprimidos pelas diferentes formas de dominação econômica, política, cultural.”

As circunstâncias que remetem o processo de construção de conhecimento inserem o aluno no centro da aprendizagem, sem que a educação bancária passe despercebida nas práticas escolares. A afetividade também é uma condição favorável dentro do processo, pois facilita a

interação professor-aluno, fortalece a mediação e possibilita um clima escolar favorável à aprendizagem. O controle emocional é algo que atua significativamente na formação profissional docente, elevando a melhoria nas condições de trabalho, quando bem desenvolvida.

Para Wallon, o ser humano é composto de três importantes dimensões: a motora, a cognitiva e a afetiva que são integradas e que determinam o desenvolvimento do sujeito.

“ [...] O espaço não é primitivamente uma ordem entre as coisas, é antes umaqualidade das coisas em relação à nós próprios, e nessa relação é grande o papel daafetividade, da pertença, do aproximar ou do evitar, da proximidade ou do afastamento.”

Nas diversas formas de trabalhar a construção do conhecimento pelo aluno, há inúmeras possibilidades de se construir aprendizagens já conectadas ao meio, ressignificando práticas e construindo saberes indispensáveis à vida. Então é compreensível a conexão entre a objetividade e subjetividade, a teoria e a prática, o emocional e a razão.

A nossa curiosidade nos chama a atenção para a seguinte reflexão: que influência tem a disciplina Didática na vida social do aluno? E é a educação uma prática social? No que dizem Carvalho e Neto (1994, p. 59):

Toda prática social é determinada por um jogo de forças (interesses, motivações, intencionalidades); pelo grau de consciência de seus atores, pela visão de mundo que os orienta: pelo contexto onde essa prática se dá; pelas necessidades e possibilidades próprias a seus atores e próprias à realidade em que se situam.

Partindo do que escreveram os autores da citação acima, entendemos que o processo ensino-aprendizagem é intencional e assim sendo é uma atividade humana desenvolvida em ação conjunta pelos atores sociais nela envolvidos. De sorte, a forma como o professor exercita a sua prática pedagógica exerce sim, uma influência significativa no cotidiano do aluno desenvolvendo ou não um olhar apurado no que se apresenta a este e entendendo a força que o professor tem sobre o aluno, a escola precisa sair do seu interior passivo, e ir em busca de uma didática que comunique que, se anuncie através da desenvoltura do aluno na interação com a sociedade, com a mídia e com os novos saberes. Através de uma didática acolhedora a escola precisa reconquistar o aluno, orientando-o, fortalecendo-o para as realizações, conflitos e incertezas do mundo exterior.

Essa relação precedida de uma acolhida que deverá se tornar diária motivará o aluno e conseqüentemente sua família para a aprendizagem, não nos referimos só à aprendizagem dos conteúdos, mas aprendizagem mais ampla contemplando mais leituras que direcionam abordagens de mundo, comportamento, atitudes. Ou seja, um conjunto de saberes estabelecidos através de acordo entre professor e aluno. E conforme Gálvez (1996) esse acordo define as regras de funcionamento da relação, dentro da situação didática como, onde cita como exemplo o direito de falar e de ouvir de cada uma das partes, se tornando um exercício que notadamente irá se efetivar em outros locais e em outras circunstâncias.

Essa relação vem se cristalizando como elemento indispensável na sala de aula, anulando a concepção que as relações iguais entre os atores do processo ensino-aprendizagem era um fator desaconselhável que causava prejuízo no

rendimento escolar, onde o professor perderia sua autoridade, conseqüentemente o respeito.

Situação didática é definida por Guy Brousseau (1982), como um conjunto de relações estabelecidas explicitamente e/ou implicitamente entre um aluno ou um grupo de alunos, num certo meio, compreendendo eventualmente a estes alunos um saber construído ou em vias de construção.

Portanto, há cerca de algumas poucas décadas os estudos em educação, sociologia e psicologia trazem outras discussões em prol da importância da boa relação professor e aluno, pondo em destaque a teoria de Vygotsky que fundamentou seus estudos e tornou-se o principal expoente da abordagem psicológica histórico-cultural, entendendo que o processo de construção do conhecimento ocorre através da interação historicamente situada com o ambiente sócio-cultural onde vive. Nessa perspectiva, a interação social é condição indispensável para a aprendizagem.

A escola, pois teve como função educar para transformar a si mesma e a sociedade. Na concepção Vygotskyana cabe ao professor ser o organizador do meiosocial, que é considerado por ele o único fator educativo.

Porém é necessário atentar para a importância da escola que dá-se além dessa questão da ambiência.

Mais ainda no que concerne a interação social, o aluno deixa de ser considerado mero receptor passivo, passando a ter um papel mais ativo, sendo concebido como um agente que pode construir seu próprio conhecimento junto com outras pessoas (professor e outros alunos, por exemplo) e outros mediadores (alunos, meios tecnológicos etc.) em seu contexto social. Se expandindo então a idéia de que o aluno é capaz de

construir seu próprio conhecimento.

Sautos (1997) afirma que o processo de ensino se dá através de dois procedimentos inseparáveis as atividades construtivas por parte do próprio aluno e a ajuda e o suporte oferecido pelos outros (colegas, professores)

Essa troca nos alerta sobre os resultados importantes que advêm, ressaltando o valor da interação. Como ponte para essa compreensão, buscando a pedagogia liberal que defende a idéia que a escola ter por função preparar o homem para o desenvolvimento de papéis sociais, conforme as tendências individuais e para se estabelecer um clima agradável na sala de aula é indispensável um relacionamento amigável entre professores e alunos, uma forma de ver o livro de Daniel instaurar a “vivência democrática” tal qual deve ser a vida em sociedade.

Segundo Gadott (1998), faz-se mister que o ser assuma enquanto um profissional do humano, social e político e não sendo omissos, neutros, mas sim definidos para de qual lado está, pois se apoiando nos ideais freireanos, ou se está do lado dos oprimidos ou contra eles.

A oposição do Gadotti pode motivar a sociedade se valendo da educação como instrumentos de luta, levando a população a desenvolver uma consciência crítica que supere o senso comum, sem desconsiderá-lo. Partindo dessa concepção, fica óbvio que o povo quando se apropria de um saber mais elaborado poderá ter condições de se proteger contra a exploração das classes dominantes se organizando para construir uma sociedade menos excludente.

A didática utilizada pelo professor na sala de aula tem afirmativamente um importante reflexo na vida do aluno,

chegando muitas vezes a servir como instrumento para orientar familiares ou mesmo amigos deste.

O relacionamento entre professor e aluno, quando efetivado de maneira consciente, principalmente pelo primeiro que, no momento é quem estudou mais e é quem demonstra ter mais experiência, considerando a faixa etária, quando se trata prioritariamente das séries do ensino fundamental, tem relevante contribuição para a formação do cidadão, com visão menos ingênua e alertando para os acontecimentos inesperados.

O professor precisa acreditar no seu trabalho fazendo-o com competência, precisa acreditar na educação e acreditar no seu aluno, mostrando com freqüência a sua capacidade de alcance dos objetivos por ele planejados.

Nessa perspectiva, nos atentamos para as condições de trabalho do professor, vimos escolas com caráter autoritário, com os gestores sem qualificação nas relações interpessoais, desconhecendo procedimentos básicos para as atividades administrativas, como no exemplo citamos: respeito ao próximo, humildade, ética e leituras sobre a importância da parceria no processo administrativo. Quando nos reportamos à competência do professor na sua prática docente, entendemos também que, não basta ser competente habilidoso e sensível é preciso ter condições.

Segundo Terezinha Rios “Ser competente é saber fazer bem o que é preciso fazer”. A competência aparece como totalidade onde se articulam várias dimensões: a dimensão do Conhecimento, a dimensão técnica, a dimensão ética, política e social e a dimensão estética. Competência é algo que se vai construindo no dia a dia e diz respeito às condições que são nossas e outras que não são. “Competência não existe isolada,

precisa de condições.”

Considera-se ainda que o professor nunca esteja formado. O mundo exige professor com práticas diferentes.

Entendemos ainda que, o processo ensino-aprendizagem acontece como resultado de uma relação social, de um conjunto de interações humanas, portanto não pode assemelhar-se a um simples procedimento técnico isolado. Na verdade, o processo deve ser efetivado com atividades humanizadas e com o entendimento que, a sala de aula é o espaço para se construir e só se constrói com conhecimentos, sensibilidade e vontade.

A relação pedagógica é essencialmente importante para o desenvolvimento social do aluno, precedido naturalmente, pelo seu desenvolvimento individual. A relação pedagógica envolve o conjunto de interações que se estabelecem entre o professor, os alunos e o conhecimento.

Em se tratando da relação pedagógica, se faz necessário observar a importância do diálogo ou da linguagem, nas diversas práticas que se desenvolvem na sala de aula, trata-se da dimensão lingüística, do seu alcance da sua presença na comunicação e da sua ressonância nos diversos recursos da multimídia. O entendimento sobre o discurso ocorrido na sala de aula, conta para as mediações acerca dos conteúdos, conhecimentos diversos e comportamento pessoal, se o diálogo não resume os processo educacional, sem dúvidas é o seu núcleo. O diálogo chega a ser estruturante na relação pedagógica.

O reconhecimento do valor do aluno é outro viés que contribui significativamente para o estreitamento da relação professor-aluno, aluno-professor inclusive isto se caracteriza um

ensinamento do docente para o convívio social do aluno.

A sala de aula precisa ser um espaço que valoriza os saberes do aluno, fazendodesses saberes a partida, propiciando mais atração para as aulas, criando situações em que o aluno se sinta envolvido com todo o contexto, apropriando-se de espaços que, só no envolvimento perceberá que é seu.

Alguns depoimentos de alunos nos levam a crer que, a grande maioria lamentaa maneira como os professores convivem na sala de aula, mantendo uma distância inexplicável dos alunos. Alguns chegam a dizer: Será muito bom se os professores parassem para conversar um pouco e nos ouvir já que, em casa é difícil com as ocupações dos pais que, também eles lamentam.

Se prosseguirmos analisando o que os alunos falam acerca das relações comseus professores, sentimos o quanto eles precisam ser ouvidos e ouvirem a carêncianão está só para desabafar mas para ouvir isso é muito perceptível.

O aluno espera do professor, além dos conteúdos ele sabe que lá fora existe outro mundo e ele vê no professor essa pessoa que pode orientá-lo e a forma como esse professor trata suas relações estará respaldado na didática que, ao saber colocar as palavras, o professor está encaminhando o aluno para uma instituição, reconhecendo os valores, adquirindo bons costumes e construindo capacidade de relacionar-se, de sair de si, de transcender.

Segundo Paulo Freire (2006 pag. 30) “Estas relações não se dão apenas comos outros, mas se dão no mundo, com o mundo e pelo mundo.”

A didática como contribuidora para a transformação do aluno na sociedade, precisa se estabelecer além da prática docente. A Unidade escolar - UE, como todo seu complexo

precisa otimizar atitudes que consistam na preparação intelectual e moral dos alunos para assumir sua posição na sociedade.

A escola precisa conhecer a sociedade onde está inserida e atua o nível econômico e social dos seus alunos, a sua cultura, mesmo consciente que esses elementos estruturantes vivem mudando, então, conhece e acompanha e assim, a escola tem o que conversar coerentemente com os alunos.

Pensar na realização do processo ensino aprendizagem, sem mediá-lo com uma relação professor e aluno além da relação de conteúdos, é desconhecer as necessidades do aluno e a importância do professor na construção de sua identidade. A prática pedagógica sintonizada a técnicas que emitam o valor da interação do professor com o aluno, na parceria do diálogo da confiabilidade e da vontade de reelaborar atitudes e conhecimentos repercutirá na aprendizagem com mais acesso, criando no aluno a segurança de se lançar aos desafios, sentindo a capacidade inerente ao ser humano na busca de suas conquistas.

2.5. A Didática e as Práticas Sociais

O processo ensino-aprendizagem é sem dúvida, uma prática social, dele se emana conhecimentos diversos que contribuem para o convívio do aluno e do próprio professor.

Toda prática social é determinada: por um jogo de forças (interesses, motivações, intencionalidades), pelo grau de consciência dos seus atores; pela visão de mundo que os

orienta; pelo contexto onde essa prática se dá; pelas necessidades e possibilidades próprias a seus atores à realidade em que se situam. (CARVALHO e NETTO 1994, p.59)

Considerado como prática social o processo ensino-aprendizagem passa a ser também um processo intencional, por conseguinte, uma atividade humana coletiva através dos seus personagens envolvidos. No processo ensino-aprendizagem a relação entre professor e aluno não se acaba e este conta com o embasamento dos conhecimentos sistemáticos e populares que contribuem visivelmente para a condutano meio social.

A Instituição escola existe principalmente quando essa ultrapassa seus muros e vai para a casa do aluno na missão de colaborar com a mudança de comportamento e de atitudes da família que conseqüentemente levará para a comunidade novos procedimentos de relações pessoais. As teorias psicológicas da aprendizagem pretendem descrever e explicar como se produz a aprendizagem e também em alguns casos, como se efetivam as relações entre a aprendizagem, o desenvolvimento e o contexto físico, social e histórico em que vive o indivíduo.

O professor na sala de aula considerando, o trabalho e a prática social do aluno e sua experiência como uma problematização colocando-o na condição de sujeito que participa do processo educativo escolar, tem condições de produzir e sistematizar uma teoria pedagógica incluindo a participação ativa dos alunos.

O professor através de uma didática que permita ao aluno se sentir importante no processo ensino-aprendizagem, sem mesquinhez sem negar os direitos que essem em falar,

criticar e sugerir criando um clima de respeito e generosidade, transmitindo para o aluno segurança esse irá para a sociedade de forma equilibrada. Isso faz parte do espaço pedagógico, que precisa ser repensado no intuito de abolir o que lamentavelmente ainda persiste que é o autoritarismo esvaziando um ambiente que é genuinamente propício para a troca de saberes e para um relacionamento humano com os valores reconhecidos e exercitados. Negar a importância das práticas sociais na sala de aula é omitir a existência de técnicas que viabilizam o aprendizado de maneira atrativa e libertadora.

A prática de ensino articulada com as finalidades de educação do homem mais relativo ao aluno contribui com um modelo de sociedade, menos distante do que se sonha. As atividades que interajam com os conteúdos, respeitando as experiências de vida e os conhecimentos assistemáticos do aluno, darão ao espaço pedagógico um perfil colaborador na formação dos seus personagens. Cabe ao professor principalmente, fazer uma releitura sobre a importância da sua prática pedagógica considerando a utilização da didática organizacional, reconhecendo-a como um suporte construtivo do processo ensino-aprendizagem, dando ênfase à necessidade de aulas bem planejadas, tendo em vista o aluno como fator essencial para a construção do conhecimento, eximindo a concepção que o aluno é um receptor de conteúdos. A aprendizagem na sala de aula não está unicamente ligada ao ato do aluno ouvir, copiar e fazer atividades, é possível efetivar outras propostas que, permitam ao aluno participar ativamente, não se restringindo aos aspectos intelectuais ou a memorização dos conteúdos, considerados de grande importância.

O espaço sala de aula, tido como um grande laboratório pela riqueza da diversidade existente é propício a desenvolver no aluno juntamente com o professor, novas atitudes e posturas que resultem em mudanças das práticas sociais. Onde citamos a possível possibilidade de mais respeito, compreensão e conseqüentemente menos violência.

A construção de um espaço pedagógico proponente a uma relação professor e aluno conhecedor da importância desses atores, requer a anulação da arrogância de um grande número de professores, por ainda admitirem que sejam detentores do saber, exige também mais entendimento sobre a importância da liberdade do aluno, requer esforço com prática diária e recusa de vários hábitos que constituem vários paradigmas obsoletos.

O nosso questionamento ainda insiste que, nos dias atuais ainda perdura na maioria dos casos, uma relação de submissão dos alunos em relação à autoridade do professor. A recomposição da identidade do professor é muito importante juntamente com a redefinição do papel do aluno, para fortalecer as práticas sociais e nessa recomposição, busca-se: revisão constante dos significados sociais do profissional e do aluno, revisão das tradições, reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permaneceram significativas.

Segundo Luckesi (1994, p.48) “A escola serve de meio, ao lado de outros meios, para realizar um projeto de sociedade; projeto que pode ser conservador ou transformador.”

Verificando-se os resultados de desempenho do aluno, observa-se que há uma grande exigência para que esse mude a maneira de aprender o que faz crer uma mudança também deve acontecer na prática de ensinar do professor. O processo de ensino-aprendizagem já sinaliza em alguns professores, uma

preocupação maior por uma prática mais produtiva vindo a melhorar os entendimentos do aluno, contudo ainda tem um acentuado número de professores que resiste às mudanças adotando uma metodologia inadequada, com os costumes de quando eram alunos e isso fomenta a recusa do aluno pela sala de aula, ficando declarado que

A ausência de técnicas pedagógicas coerentes e inovadoras afasta o aluno chegando a causar até evasões. A obediência exigida por determinados professores, no sentido de o aluno não poder falar em sala de aula, continua ferindo a prática pedagógica social.

A escola em todo o seu complexo educacional precisa entender com mais profundidade, a importância da força do diálogo, a sua amplitude e o seu poder de resolutividade. Trata-se aqui de uma grande incoerência, vejamos: educação implica em conversação, em entendimentos em troca e se a escola nega essa realidade a sociedade ficará vulnerável aos desajustes de conduta do homem.

Paradigmas inovadores e avanços tecnológicos e científicos provocaram mudanças na sociedade com esse fato, percebe-se que, a prática pedagógica de determinados professores está distante desses avanços o que leva uma clientela ao prejuízo e certamente a sociedade ressentida o desequilíbrio. Partindo desse princípio, a escola ainda continua distante do que se discute na sociedade.

A apropriação dos novos paradigmas resulta em aquisição de novos conhecimentos, habilidades e sensibilidade colaborando com o papel da escola em tempo real.

É perceptível que o processo educativo é uma ação coletiva que envolve, principalmente, professor e aluno, que tem

na mediação do professor o incentivo maior para a assimilação dos conteúdos e a construção da aprendizagem. Para tanto, o trabalho pedagógico no ambiente escolar requer adequação às condições sociais dos alunos, como também às suas condições de aprendizagem. Daí a importância da valorização dos conhecimentos prévios trazidos por eles.

O currículo escolar é pautado em uma realidade específica de sociedade, permeada de valores e experiências de mundo que adentram o espaço escolar e trazem consigo uma versão de produção de conhecimentos. Assim, é impossível afirmar que o currículo pode ser neutro ou servir à todos, porque em sua formação está imbricada uma vivência oriunda do meio social que seus agentes estão inseridos. Ao tratarmos do conhecimento também elegemos as possibilidades de qualificá-lo através de práticas que beneficiem todos que estão dele usufruindo. Portanto, utilizá-lo a favor da equidade e de uma sociedade mais justa é o melhor caminho.

Quando o professor reconhece a educação como ato político, é possível desenvolver com qualidade o seu papel de formador e mediador, porque ensinar é uma ação responsável e comprometida com o outro, com sua evolução. Isso também sugere que a formação do professor, como anteriormente mencionada, tenha suas bases sólidas e capazes de contribuir com a transformação da sociedade. Para Libâneo [...] “o compromisso social, expresso primordialmente na competência profissional, é exercido no âmbito da vida social e política.” (p.48). Dessa forma, as atitudes e posicionamentos do professor sugerem uma bagagem de interesses próprios que demandam reflexão e tomada de decisões frente às situações da vida real.

Compreender a importância da sua função mediante os desafios da coletividade é tarefa fundamental e propícia ao desvelamento de uma realidade camuflada, onde se esconde as desigualdades sociais, preconceitos e racismo. Portanto, quando a ação do professor é consciente da realidade do estudante, ela consegue interferir no meio social a seu favor.

As ações pedagógicas pautadas numa visão coletiva de conhecimento e realidade global, favorece a educação integral em sua dimensão formativa e social. Porém ainda vê-se práticas docentes desvinculadas dessa realidade conscientizadora do saber. E ao ser trabalhada com o aluno numa visão reduzida da realidade, produz efeitos nem sempre positivos.

No que diz respeito ao fracasso escolar, Libâneo traz a reflexão acerca da escola pública e democrática que possibilita a inclusão como superação das desigualdades sociais e não somente aquela que produz conhecimentos técnicos para a aprovação. Esta visão possibilita compreender a função social da escola como um todo, respeitando a diversidade e contribuindo para a superação das dificuldades sociais enfrentadas por seus alunos.

Assim, as ações desenvolvidas contempladas no currículo devem ter um olhar cuidadoso do professor ao serem priorizadas e trabalhadas em sala de aula. A postura profissional capaz de identificar o que traz aprendizagem significativa faz toda a diferença ao realizar o planejamento das aulas.

Dessa forma, a importância do planejamento de ensino que reflita uma prática consciente das verdadeiras necessidades de aprendizagens dos alunos. Para isso, a didática envolve as ferramentas de percepção, elaboração e execução das práticas docentes com visão estratégica e específica que atenda aos

alunos em suas dúvidas e dificuldades. Sendo assim, as atividades planejadas e desenvolvidas pelo professor devem atingir o aperfeiçoamento da formação humana, considerando o estudante como ser integral relacionando o mundo do trabalho à ética e à formação acadêmica durante a educação básica.

No decorrer da formação estudantil é notório o caráter histórico dos conteúdos, em detrimento às metodologias técnicas, quando aplicadas apenas para obter resultados. A visão imediatista dos conteúdos trabalhados causa um distanciamento entre teoria e prática, negando a relação intrínseca que há entre as mesmas. Neste caso no trabalho docente, é imprescindível que o professor efetive a práxis pedagógica, caso contrário, a aprendizagem será meramente mecânica.

Segundo o referido autor, na medida em que o professor ensina criticamente os seus conteúdos, ele possibilita aos alunos exercitar o senso crítico, elevando seus padrões em aprender e assimilar. Daí o exercício crítico-histórico dos conteúdos que tem ligação direta com a realidade social. Portanto os conteúdos possuem relação direta com a criação humana, para satisfazer necessidades humanas.

Do ponto de vista da classe trabalhadora, Demerval Saviane afirma que na medida em que esses conhecimentos críticos são desenvolvidos, há também uma tomada de consciência a partir das lutas e das necessidades da referida classe. Esse aparenta ser um dos maiores desafios no que diz respeito à educação pública, gratuita que necessita um repensar dos professores para que ela atenda, principalmente, a classe trabalhadora desse país.

Ao passo que se desenvolvem as práticas e metodologias há maior exigência nas avaliações que são trabalhadas no coletivo, muito embora ainda não consideremos especificidades de cada aluno, suas dificuldades e suas habilidades, exaltando o aspecto quantitativo em detrimento ao qualitativo. Por muito tempo a escola desenvolve a cultura de introduzir seus estudantes no mercado de trabalho e vida acadêmica e sob a ótica da avaliação quantitativa.

Percebe-se então, a influência capitalista nas decisões internas da escola, na forma de desenvolver o trabalho docente e as ações pedagógicas. Muito embora a dialogicidade e a troca de experiências permeiam o espaço escolar. No entanto, é preciso considerar na avaliação os aspectos quantitativos e qualitativos para que dessa forma os educandos compreendam que antes de terem boas notas é preciso considerar o que eles aprenderam e se de fato aprenderam.

Nesta concepção de avaliação o trabalho do professor é indispensável, ressaltando esses aspectos em todo o processo de avaliar. Considerando não só os aspectos cognitivos, mas também os aspectos emocionais e sociais.

Ao realizar tais ações, o processo educativo se constrói com equidade, respeitando as diferenças e estimulando a colaboração e não somente a competição. Desenvolvendo habilidades específicas que atendam às necessidades individuais e assim valorizando o ser como único. Negar esta condição individual do ser é considerar que a educação é igual para todos, que todos possuem as mesmas condições de aprender. É, todavia, negar uma realidade que está presente na escoladiariamente, que é vista, mas não é enxergada.

O contexto social nos remete à várias reflexões acerca do trabalho coletivo a educação, mas o importante é continuar exercendo um trabalho docente ético e comprometido com os estudantes em suas mais complexas necessidades de construir conhecimentos que se apliquem na vida, para a vida. Negar as condições de exploração do trabalho na sociedade capitalista é uma condição que desfavorece o senso crítico e a percepção do mundo em sua volta.

As práticas sociais que envolvem o entorno da sala de aula, devem adentrar os espaços da escola, tornando possível consolidar a realidade social à educativa. Afinal, não separa-se a sociedade da escola, pois uma está contida na outra e de certa forma é reflexo da outra. Negar tratar de temas como exclusão, desigualdade social, preconceito, racismo, intolerância religiosa, entre outros, só reforça a condição desigual e discriminatória da escola portanto é no contexto da inclusão e da empatia que a ação docente deverá ser desenvolvida, uma vez que, são nesses espaços de fala e de acolhimento que a escola é construída atualmente.

Em pleno século 21, as posturas apresentadas na escola, não devem primar pela desigualdade de condições ou de certa forma, confirmar. Pelo contrário, a atuação consciente dos agentes educativos precisa promover o equilíbrio das possibilidades de entendimento, aceitação e cooperação entre os seus membros, para que se possa contribuir para a construção de um mundo mais justo. Compreender as práticas docentes como ação social fortalece os espaços de discussões e troca de ideias possibilitando o pensar pedagógico de forma dialógica e possibilitadora de transformações pertinentes ao desenvolvimento da aprendizagem.

2.6. A Didática e a Formação de Professores

Por muito tempo foi motivo de pautas e discussões acadêmicas o tema reflexividade utilizado pelos professores no exercício do profissional, aplicada à formação dos professores. Assim, Libâneo analisa os vários conceitos de reflexividade na perspectiva de trazer o papel da reflexão para o desenvolvimento profissional docente.

Assim o autor conceitua reflexividade:

[...] “ é uma característica dos seres racionais conscientes; todos os seres humanos são reflexivos, todos pensamos sobre o que fazemos. A reflexividade é uma autoanálise sobre nossas próprias ações, que pode ser feita comigo mesmo ou com os outros.” (p.55)

Para tanto, o autor aborda a reflexividade de Paulo Freire que é ação-reflexão-ação, com a introdução da consciência política. No seu método, é abordado a análise dos fatos, o diálogo entre o professor e aluno, permitindo assim, a análise crítica em torno da realidade codificada.

A reflexão dialética compreende a realidade em movimento considerando as leis sociais, históricas nas suas contradições e totalidades. Permitindo-se a compreensão não somente cognitiva, mas social e histórica, onde o sujeito pode interferir na sua realidade através da educação, das formas de mediação do conhecimento e na interação com o meio.

Certamente, um método desafiador que imprime a capacidade genuína da construção do senso crítico na formação do professor. Partindo da concepção própria de classe, de conhecimento de mundo, de apropriação do saber nas mais

diversas dimensões. Portanto, a formação profissional docente é possibilitadora de mudanças na estrutura da sociedade, segundo Feire.

Segundo Libâneo, o movimento ocorrido nos Estados Unidos e Europa no final dos anos 70, atribui à escola a preocupação com a qualidade do pensar de professores e alunos, sendo possível desenvolver competências básicas de forma metódica sobre os conteúdos do currículo escolar. Assim, desenvolvendo capacidades de interpretação, resolução de problemas, criatividade, tomada de decisões, entre outras. Contudo, Libâneo (2002), cita dois tipos de reflexividade: a crítica e a reflexividade neoliberal, que apresenta características próprias, como: a relação teoria-prática, ou práxis pedagógica e o fazer pensar. Uma das principais características do professor reflexivo consiste em possibilitar o pensamento crítico, que viabiliza a compreensão das contradições, que estabelece críticas mediante o sistema capitalista entre outros.

É nesta dimensão crítica que a formação docente traz a diferença para o espaço educacional, onde os diversos membros atuam para promover a qualidade da educação voltada para a construção da cidadania, da ética e do saber.

A reflexividade construída desde a formação docente possibilita a inserção de valores necessários ao desenvolvimento humano e profissional dos alunos, fortalecendo as condições básicas do acesso ao conhecimento de forma transparente e questionadora. Essas condições permitem que o senso crítico seja alvo inquestionável durante o planejamento das aulas e sua execução. Portanto, que a reflexividade possa atingir os espaços educacionais e de trabalho para que a construção de uma sociedade menos desigual seja possível.

Morin (1996, p.284) traz a seguinte afirmação acerca dos paradigmas sobre a função do conhecimento, da relação escola e sociedade e suas interações:

[...] Para que a lagarta se converta em borboleta, deve encerrar-se numa crisálida. O que ocorre no interior da lagarta é muito interessante: seu sistema imunológico começa a destruir tudo o que corresponde à lagarta. A única coisa que se mantém é o sistema nervoso. Assim é que a lagarta se destrói como tal para poder construir-se como borboleta. E quando esta consegue romper a crisálida, a vemos aparecer, quase imóvel, com as asas grudadas, incapaz de desgrudá-las. E quando começamos a nos inquietar por ela, a perguntar-nos se poderá abrir as asas, de repente a borboleta alça voo.”

Neste contexto, todas as transformações são internas aperfeiçoando as novas formas de conhecer e interagir no mundo. A forma como o conhecimento é produzido transforma-se continuamente, contribuindo com um novo olhar na práxis pedagógica. A reflexividade na ação docente é inerente à construção dos novos paradigmas do conhecimento. Portanto, quando há o estímulo à reflexão na construção dos conteúdos, os estudantes possibilitam transformar a si próprios e a forma de aprendê-lo.

Há uma relação estreita entre a formação do professor e a práxis pedagógica, uma vez que ambas determinam os destinos da sala de aula. Neste caso o professor assume um local de destaque na mediação da construção do conhecimento pelo aluno. A práxis docente interage diretamente com a reflexão do conhecimento, possibilitando com isso a diversidade de ideias e

pensamentos pelos alunos. É na construção dos diálogos reflexivos que a prática docente toma corpo e torna-se objeto de construção da apropriação do saber.

Assim, Libâneo (1994) cita as duas dimensões da formação profissional do professor para a execução da ação docente que envolve a didática em sala de aula. A primeira destas dimensões é a teórico-científica e a técnico-prática, que representa a própria prática docente. O primeiro compromisso da atividade profissional de ser professor (o trabalho docente) é certamente de preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho e na vida cultural e política. O trabalho docente visa também a mediação entre a sociedade e os alunos. Libâneo afirma que, como toda a profissão, o magistério é um ato político porque se realiza no contexto das relações sociais.

Para o autor, os professores são agentes transformadores do processo educativo, sendo importantes para a formação dos educandos para as gerações futuras e para a transformação dos padrões de sociedade tão almejados. Assim a educação é tida como fenômeno social, universal e intencional, que possui objetivos e intenções definidos. A educação informal é distinta da formal por não ser sistematizada e traz consigo as relações e vivências próprias do aluno, a forma de aprender e suas condições são determinantes como processo individual e social.

As práticas educativas aliadas à função social da escola geram transformações essenciais na vida dos educandos, permitindo reflexões críticas sobre a realidade. Isso demanda maior consciência docente na prática pedagógica que desenvolva nos alunos a capacidade de dialogar e refletir acerca

dos conflitos individuais e coletivos, assim como às diversas possibilidades de superação e modificação no seu meio. Assim a escola é um instrumento de contribuição nas lutas democráticas das classes populares, que ao terem o acesso à educação sistematizadas em suas devidas condições de aperfeiçoamento, ampliam a visão política e educativa na qual estão inseridas.

Neste processo existe a exigência do professor ter o domínio dos conteúdos trabalhados como também, o senso crítico voltado para interagir na realidade dos seus alunos. Com o passar dos tempos a escola vem sofrendo várias modificações quanto à sua diversidade, permitindo assim que as ações desenvolvidas devam ser pensadas e praticadas considerando tais modificações.

Assim, a prática docente determina as possibilidades de aprendizagem dos educandos, na qual os prepara para a vida, enfatizando os conhecimentos plurais que fazem parte de sua realidade. A formação docente tem fundamental importância na didática e na melhoria do desempenho escolar aprimorando o ensino e as competências a serem desenvolvidas mediante os objetivos de planejamento de ensino.

A formação profissional é determinante na qualidade da educação e com isso possibilita inovações metodológicas que contribuem para redimensionar as ações escolares que permitem uma maior mobilização dos agentes educativos, com vistas à qualidade das ações pedagógicas.

No processo de formação de profissionais admite-se um elenco de conteúdos, de fundamentações e de posturas sejam esses profissionais das mais diversas áreas, não deixando à margem o professor. Os componentes curriculares são âncoras

alinhando o fazer educativo no contexto pedagógico e entre esses componentes está a didática. A formação do professor é hoje considerada um processo contínuo de profissionalização, em que a formação inicial é o seu ponto de partida.

Entende-se que é uma constante construção para o professor, de contínuo aperfeiçoamento, para que ele se mantenha atualizado com as e com as leituras do dia a dia, fazendo parte do desenvolvimento acelerado. A formação deve inspirar novas posturas e a compreensão para o professor repensar a sua prática, efetivando mudanças e novas apropriações. O ponto central das propostas de formação do professor tem girando em torno da questão da defasagem entre a formação acadêmica, proporcionada pelos cursos de licenciatura e a realidade escolar, ou seja, entre a teoria e a prática. Ressaltando-se a ausência de articulação do universo acadêmico e as escolas de educação básica, isso a muitos anos vem se arrastando de forma que nos dias atuais se cristalizou essa postura, negando a necessidade por alguns centros de ensino superior. Se não existe essa articulação óbvio que os cursos de formação continuarão mantendo um desalinhamento, causando a ineficiência na prática de ensino.

Observa-se ainda, na prática de sala de aula por parte de um significativo número de professores, a falta de iniciativa em efetivar estudos e leituras dentro de um processo de auto formação, deixando evidente para o aluno pouca importância de se estabelecer como hábito a leitura e a pesquisa. Para muitos alunos, ou seja, a maioria, a pesquisa é basicamente uma cópia o que é acatado normalmente no momento da avaliação. Um repensar a concepção de formação de professores é essencialmente necessário com brevidade, até penso que esteja

sendo realizado, porém urge que a prática aconteça.

Estudar o papel da didática na formação de educadores abre uma perspectiva de melhoria para o processo de formação do professor. Embora se saiba que existem correntes de professores que não aceitam a existência dessa discussão dificultando claramente a modificação nesse sentido de inclusão didática na formação, todavia outros acatam. A negação da importância da didática é defendida principalmente por professores que, consideram o domínio do conteúdo o suficiente para a prática. Partindo dessa cogitação, é necessário um rebuscar histórico da utilização da didática e seus feitos colaborativos no processo ensino-aprendizagem.

Freire, na Pedagogia da Autonomia, (p.32) aduz:

Transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é esquivar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo:

o seu caráter formador. Respeita-se a natureza do caráter humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando.

Na verdade, nos encontramos com uma discussão polêmica e não deixa de ser um ponto de partida dentre outras pistas para a superação da didática e a sua multidimensionalidade do processo ensino-aprendizagem. Toda proposta didática está impregnada, implícita ou explicitamente, de uma concepção do processo ensino-aprendizagem. Esse não acontece isoladamente e sua compreensão sobre essa condição requer uma avaliação de forma articuladora com as dimensões humana, técnica e político social. Trabalhando essa vertente

será entendido o princípio de organização necessário na ação educativa e na sala de aula com mais especialidade, a forma como o professor utiliza sua fala, suas atitudes e sua metodologia, faz da sala um ambiente agradável e propício ao ensino-aprendizagem.

Mesmo o professor sendo autônomo para organizar, desenvolver e avaliar o ensino e concretizar a formação do aluno, esta autonomia é relativa aos conhecimentos, aos hábitos, às habilidades e aos valores vivenciados pela prática pedagógica. (VEIGA, 2006, p.24.)

A formação do professor na contemporaneidade requer reflexão sobre os novos desafios presentes, as mudanças de paradigmas da sociedade exigem estudo e leituras de mundo, incluindo nessa a condição humana, para compreender melhor a dinâmica sócio-político-econômico-cultural presente na educação.

Ao verificar os resultados da aprendizagem, identifica-se a tensão de alguns professores, por sentirem a necessidade de uma prática inovadora e por sentirem insegurança em mudar, ou seja, preservar uma prática já automatizada, que canse ele próprio e conseqüentemente o aluno, levando ao baixo rendimento. Insegurança em pensar que o diálogo constante com o aluno, eliminará a sua “autoridade” o professor deixa perceptível seu temor ao saber que é preciso se identificar com o aluno, fazendo-se ele mesmo um aluno. Tudo isso nos leva a crer que a formação do professor deve ser pautada e vivenciada na perspectiva da necessidade de profundas rupturas conceituais, afastando do professor a cultura de exercitar em sua

prática, o que ele assistia quando foi aluno.

As novas demandas da contemporaneidade apresentam novos modelos de atitudes e comportamento da humanidade e essa condição repercute na postura do nosso aluno, sua inquietação demonstrada com freqüência na sala de aula, o que confirma a premente mudança das atitudes pedagógicas do professor que, por sua vez também se inquieta mediante a falta de atenção do aluno, causada pela insatisfação da relação pedagógica. Outra necessidade é a revisão da postura do professor após ter participado de uma formação, muitos não buscam mudanças, independente da qualidade da formação. Na maioria das vezes quando o professor não se atenta para pôr em prática inovações que qualificarão a sua prática, estará esse desenvolvendo na sala de aula um processo de desqualificação dos saberes.

Desta maneira o professor: “necessita superar a visão restrita do mundo e a compreender a complexa realidade, ao mesmo tempo resgatar a centralidade do homem na realidade e na produção do conhecimento de modo a permitir, ao mesmo tempo, uma melhor compreensão da realidade e do homem como um ser determinante e determinado. (LUCK, 1995, p.60)

Somos frutos de um passado social feito de certezas, certezas relacionadas com a ética, com a ciência e educação isso traz uma insegurança quando é necessário entender que mudou que está mudando e a educação deve pelo menos acompanhar as mudanças. Perrenoud (1995, p.124) contribui dizendo que “o professor deve fazer o luto das certezas didáticas, pois o terreno das práticas educativas é bem mais incerto do que fazia supor o

cristalino positivismo das suas análises.”

Assim o educador que tem a certeza do seu papel na construção de novos conhecimentos, comportamento e postura e que não quer danificar as suas atividades disponibilizará a aceitar as mudanças e a redefinir os seus conceitos sobre o que é verdadeiro.

Conceber a ideia de mudança não basta como não basta apenas fazer registros diferentes, o que é necessário é a mudança no exercício da função pedagógica. Nessa absorção o professor compreenderá uma nova perspectiva de relações entre a prática e a teoria o que não deixa de ser um novo desafio. Assim a missão do professor torna-se mais compromissada com o processo de condução da prática, pois o contexto social contemporâneo ao anunciar o fim das certezas, também cria condições favoráveis à mudança.

O educador precisa estar consciente e fazer a mudança acontecer de dentro para fora, encontrando formas fundamentadas nas novas leituras nos comportamentos e nas atitudes do ser humano. É no migrar da cultura cristalizada, para uma cultura diferenciada, com novas compreensões que o processo requer mais amadurecimento profissional, esse é considerado o grande momento transitório em que as atenções devem ser dirigidas para um agir com confiança contribuindo para uma transmissão confiável em que o professor se permita ser avaliado, pois a sua postura passando a ter diálogo contínuo com o aluno o fará ter mais confiança nele próprio e no professor.

Nesse novo comportamento da prática pedagógica exigido pelo contexto social em que vivemos, o que mais interessa é o desenvolvimento de uma prática de sala de aula com significado social, político e reflexivo.

Para o campo das mudanças é preciso identificar elementos a serem mais aprofundados na prática de ensino. No plano ético-político está uma grande lacuna a ser preenchida com a reconstrução de valores da afetividade e igualdade, com isonomia no atendimento do aluno com alternativas metodológicas buscando contemplar soluções para as dificuldades apresentadas pelo aluno, utilizando a pedagogia solidária. Atentamos ainda para a necessidade de investigação constante quanto ao aspecto teórico e epistemológico que devem ir além da formação técnica e científica alinhando-se a um projeto social emancipatório. Os estudos inovadores se consolidando como fundamentação teórica dos conhecimentos dará estrutura ao processo de formação e negar isso, significa adestrar e superficializar as leituras.

Outro olhar abre-se dentro da conjectura da necessidade de inovar a prática pedagógica, trata-se da auto formação do professor, independente de formações sistematizadas pelos órgãos competentes da área, o próprio professor deve manter-se em constante contato com o estudo, com as leituras e com a socialização dos conhecimentos, articulando-os e desarticulando-os, sempre vivenciando o processo de construção. Hoje mais que antes a reflexão sobre a ação precisa acontecer constantemente.

Repensando a formação do professor a partir da análise da prática pedagógica, Pimenta (1999) identifica o aparecimento da questão dos saberes como um dos aspectos considerados nos estudos sobre a identidade da profissão do professor. Parte da premissa que essa identidade é construída a partir da: “Significação social da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação das práticas

consagradas culturalmente e que permanecem significativas.”
(p.19)

Dessa forma busca-se a importância de se considerar o professor no desempenho de sua própria formação, com iniciativa e consciência da necessidade de reelaborar saberes já existente. Essa consciência é gerada pelo processo reflexivo como um vigilante da prática. O profissional cresce quando entende que é preciso inovar e é preciso ajustar os conhecimentos, isso se constituirá como política pessoal de empreendimentos.

Segundo Silva (1997, p.3) em sua pesquisa:

os estudos educacionais trouxeram, a partir do final do ano de 1980, novos conceitos para a compreensão do trabalho docente. Destaca que as novas abordagens de pesquisa passaram a reconhecer o professor como sujeito de um saber e de um fazer, fazendo surgir a necessidade de se investigarem os saberes de referenciais dos professores sobre suas próprias ações e pensamentos, já que a análise dos valores e princípios de ação que norteiam o trabalho dos professores podem trazer sobre nossa compreensão cerca dos fundamentos do trabalho docente, seja no sentido de desvendar atitudes e práticas presentes no dia a dia das escolas que historicamente foram ignoradas pela literatura educacional e talvez possam trazer contribuições para o trabalho e a formação de professores.

A formação do professor deve ser uma constante, a mesma precede a qualquer outra atividade, ela visa o desenvolvimento pessoal e profissional mediante as práticas de

envolvimento na organização do dia a dia da sala de aula e da escola, como o grande complexo educativo. A importância da formação do professor concentra-se na própria natureza e existência do saber e do fazer humano como ação que se transforma constantemente.

Frente a essa nova concepção o professor precisa se voltar para a efetivação da pesquisa, da leitura e dialogar com o aluno, na eminência de passar segurança, estabelecendo vínculo ter a compreensão da necessidade de adquirir e colocar em prática a fundamentação metodológica empírica e prática na sua atuação, construindo no aluno o hábito da leitura e da pesquisa.

A preocupação com a formação do professor, da qual a didática é parte fundante é inerente à falta de esclarecimento sobre o significado social e político dessas. Na maioria das vezes as formações se constituem em eventos calendarizados e ou cursos de graduação distante do que o professor pratica em sala de aula. O aluno e o conhecimento precisam sentir sintonia para um ser atraído pelo outro e a didática insere nesse processo um importante papel como elemento estruturante do método utilizando na prática, ora estudando, retomando, discutindo e abrindo para uma construção de flexibilidade favorecendo a adaptação.

Lukesi (2001, PP.27 e 28) afirma que:

A didática destina-se a atingir um fim – “a formação do educador”, que não se restringe apenas à escola, como também em todos os processos de aprendizagem estruturados num projeto histórico que manifesta as aspirações e o processo de crescimento de desenvolvimento do povo, onde a ação

pedagógica não poderá ser então, um “que fazer neutral”, mas um “que fazer” ideologicamente definido.

Ao exercer suas funções o professor deverá efetivar uma opção filosófico- política pela opressão ou pela libertação; uma opção por uma teoria do conhecimento norteadora da prática educacional via repetição ou pela criação de modos que o leve juntamente com o seu aluno a compreensão de mundo. Assim a prática docente se torna capaz de formar o cidadão.

2.7. A Didática na Aplicação do Currículo

A discussão sobre a prática dos saberes mostra a necessidade de uma estrutura organizacional no âmbito da sala de aula precedida por uma organização mental do professor na realização da aquisição de conhecimentos e na motivação do aluno para a conquista dos saberes. E falar sobre esse processo é deixar evidente que necessário se faz estabelecer um contrato de compreensões e um contrato didático fortalecendo a operacionalidade do currículo escolar já que esse impera grande importância na aquisição dos conhecimentos. Vejamos alguns conceitos que mostrarão a ligação currículo e prática docente como conhecimentos que são referências necessárias e relativas aos paradigmas de desenvolvimento do currículo.

Para estudar a construção dos saberes relativos ao ensinar, por professores, considera-se o que diz Moreira (1997 p: 15): ” a existência de um currículo formal (plano e proposta), um currículo em ação (o que é realizado nas escolas e salas de aula), um currículo oculto (não explicitado, mas permeia a relação docente e discentes).

Na ótica da sociologia de currículo, devemos considerar o papel social da educação e da escola no desenvolvimento do ser humano e destacar que diferentes currículos produzem diferentes pessoas, identidades, subjetividades sociais determinadas, que podem conduzir à compreensão que ele é o ponto de partida, é ele quem fundamenta a prática docente. “Para determinados teóricos o currículo é o resultado de um processo social necessário a transmissão de valores, conhecimentos e habilidades. Dentre os teóricos, destacamos o escritor (GOODSON, 1995, p.01).

Assim a educação e o currículo não são meros transmissores de cultura produzida, mas são agentes de um processo de produção e criação de sentidos, de significações, de sujeitos.

Nesta perspectiva o currículo traz um histórico de centralização epistemológica social do conhecimento escolar que se preocupa com a consequência da produção de conhecimento socialmente organizado, pois envolve: formação de valores, atitude, ética, validade e legitimidade do que foi estabelecido. As RCBs - Referenciais Básicos da Educação transmitem essa importância de ordenação e organização com bastante clareza.

Hoje o currículo é visto como um interlocutor de várias dimensões o que implica que o professor precisa ir à busca de novos conhecimentos. Evidencia-se, assim, o vínculo entre currículo e conhecimento, destacando em especial o conhecimento pedagógico, fundamentado do pensamento curricular nos dias de hoje. Independente do que dizem os teóricos, a nossa intenção é intensificar o entendimento sobre a influência da didática na prática docente, quando nos deparamos com elementos que sustentam, ou contribuem, ou direcionam a

ação.

O currículo por sua vez é um importante instrumento utilizado por diferentes sociedades tanto para desenvolver como para desenvolver o processo de conservação, transformação e renovação dos conhecimentos historicamente acumulados como para para socializar junto às crianças, jovens e adultos segundo os valores tidos como desejáveis.

Só a partir da década de 80 se desenvolveram novas compreensões sobre currículo destacando principalmente a sua importância na qualidade do processo ensino-aprendizagem, bem como a sua ligação com o contexto social vivido em cada época. Na década de 90, os estudos se tornaram mais freqüentes e aprofundados, aproximando-se de uma visão em que currículo inclui plano e propostas, voltados para uma articulação, professor e aluno.

É reconhecido que durante várias décadas se processou sistematicamente, um considerável acúmulo de conhecimentos com um histórico evolutivo, porém ainda se assistem aulas com práticas cansativas, que não conseguem seduzir o aluno. Em contrapartida os meios de multimídia, dentre eles a internet, possui uma competência indiscutível para atrair o aluno também com acúmulo de conhecimento de forma organizada, com estética e alternativa para atender as diferenças individuais, convencendo-nos que a prática pedagógica está distante do encantamento que os meios de multimídia possuem e o aluno necessita e isso deixa clara a ausência de uma prática pedagógica viva, planejada e com conteúdos significativos.

Argumentar que essa preocupação é desnecessária e que o currículo não valida a qualidade do processo ensino-aprendizagem é desconhecer o contexto social vivido por cada

geração, quando se constata inclusive alunos do ensino médio, escrevendo com erros, leitura deficitária e pouco conhecimento notadamente é preciso que se admita que haja algo relevante para se ensinar e que deve ser aprendido pelo aluno e que a aprendizagem seja viabilizada indicando condições, para que se efetive a aprendizagem consciente na perspectiva que o aluno aprenda o que lhe é proposto. Essa condição indica a necessidade do professor atual ter uma formação técnica e política que lhe permita perceber que a escola é o único espaço cultural possível para os alunos advindos de classes populares.

Revisando o que diz Freire: (2004, p. 55):

O ser humano é um ser histórico, cultural, inacabado - consciente do inacabado e em permanente movimento em busca do ser mais, sujeitos, portanto, cognoscentes. "Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez homens e mulheres educáveis, mas a consciência de sua inclusão é que gerou sua educabilidade"

Nesse sentido, a educação é vista como uma forma política de intervenção no mundo, em que estão em jogo interesses diversos, apontando para objetivos, valores, ideais, escolhas, decisões, também divergentes, portanto a qualidade de ser política, inerente à sua natureza (...) a educação não vira política (...) ela é política'. (FREIRE, 2002:124)

'Por isso a educação requer do educador o aprofundamento da compreensão da realidade e do seu posicionamento, já que: A educação que já não podendo jamais ser neutra, tanto pode está a serviço da decisão, da transformação do mundo, da inserção, da transformação do mundo, da inserção crítica

nele, quanto a serviço da imobilização, da permanência possível das estruturas injustas, da acomodação dos seres humanos à realidade tida como intocável "(FREIRE, 2000:58)

Analisando a atuação pedagógica de determinados professores entende-se a deficiência de entendimentos, logicamente antecedida pela ausência de estudo. Estamos num mundo cada vez mais multicultural, a globalização, o sistema econômico, os meios de comunicação que alcançam um espaço muito largo na sociedade, deixa a educação escolar numa condição muito inferior. O currículo aquém das leituras e discussões atuais e estão aí, grandes desafios trazidos pela integração planetária e nacional que se associam às necessidades específicas das comunidades locais, rurais ou urbanas que têm a sua cultura própria.

A educação pluralista é uma solução para um equilíbrio entre a prática do professor em sala de aula com a realidade da geração da qual esse professor faz parte e parece até que não se sente parte. Para que seja realmente uma educação pluralista, é necessário um repensar sobre os objetivos que se propõem a desenvolver o processo de ensino-aprendizagem, redimensionar os conteúdos e programas das escolas, estabelecerem novos métodos pedagógicos e novos processos educativos, redefinir o currículo com alinhamento social, modificar a prática pedagógica e estreitar o relacionamento professor-aluno. Os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais nos atentam para a importância do currículo escolar voltado para a realidade social.

O currículo com filosofia humanística, isto é numa ética que encara uma perspectiva positiva, fazendo valer a pedagogia do pensar internalizando a necessidade de um currículo significativo e útil. A pedagogia do pensar diz respeito aos procedimentos sistemáticos visando ao desenvolvimento cognitivo e operativo do aluno.

“É importante que o currículo tenha precedência naquilo que parece essencial para ensinar e aprender, em vez de fundamentar-se na obsessão de avaliar de modo preciso ou na preocupação de fazer boa figura diante de uma concorrência que passa por tantas mediações; que o sucesso escolar se fundamente numa avaliação equitativa do conjunto das dimensões do currículo” (Perrenoud, 2002, p.3)

2.8. A Didática e o Planejamento Escolar

Atualmente é ampla a discussão em torno da importância da necessidade de planejar as aulas a serem ministradas, planejar as idéias que envolvem o planejamento e como a didática se faz presente nos estudos das teorias e práticas que determinam o processo ensino-aprendizagem com qualidade. É necessária uma reflexão para uma retomada das práticas de planejamento realizadas na escola.

A prática pedagógica vem sendo foco de comentário depreciativo pela comunidade, quando essa se refere aos resultados que são trabalhados por alunos de determinados professores. Existe uma lacuna entre o que é preciso acontecer na sala de aula e o que vem acontecendo e sabemos que vários são os fatores que contribuem para essa condição preocupante

da aprendizagem, que é a não realização do processo de interação dos conhecimentos. Dentre esses fatores, é perceptível o planejamento, como elemento de importância preponderante na aquisição de conhecimentos e organização da prática pedagógica.

É necessário o professor planejar, é preciso que o professor trabalhe em sala de aula, a rigorosidade metódica na busca constante da realização dos objetivos que são propostos no ato do processo ensino-aprendizagem, sabendo logicamente que o processo não se esgota só no alcance dos objetivos pedagógicos principalmente na aquisição dos conteúdos, mas num complexo de atividades e deveres que contribuem para a formação do cidadão e como tal, a escola precisa na sua função maior, sair da ingenuidade e alçar vôos que comprometam o professor a uma prática eficiente, reconhecendo o valor e a sabedoria do aluno.

A escola precisa insistir no saber necessário sobre a importância do ato de planejar. Precisa respirar a concepção de planejamento e vivenciá-lo com todos os requisitos exigidos por este forte instrumento organizacional o envolvimento com o planejamento é para todos que fazem parte da escola naturalmente compete ao professor e a coordenação pedagógica a maior atuação o que não invalida nem dispensa o envolvimento do gestor administrativo que pelas funções que assumiu não pode viver alheio aos procedimentos pedagógicos que a escola desenvolve.

Planejar é necessário. Se o professor não planeja ou o faz sem a devida competência, compromete a sua prática pedagógica, conseqüentemente contribui para o insucesso do processo ensino aprendizagem. Aqui estamos discutindo a

ineficiência do professor no compromisso por ele assumido na profissão, independente de outras conjunturas, por exemplo, entra nesse momento em discussão também a figura do gestor pedagógico que, é por procedimentos normativos, imbuído de responsabilidade no apoiar e colaborar com o professor no ato do planejamento deve esse ser cômico da importância de suas funções na contribuição da melhoria da prática pedagógica.

A ineficiência encontrada nas atividades de sala de aula, quando é observado o distanciamento da teoria com prática, nos remete que o comprometimento com o planejamento e a compreensão da sua importância colaboraria para uma prática voltada para o interesse do aluno e suas necessidades obviamente seriam atendidas. No que se refere a conceitos encontramos que planejamento é um elemento potencializador e organizador da prática pedagógica, no caso específico, porquanto o planejamento é um instrumento norteador para todas as ações que o homem pretende e precisa realizar. O ato de planejar faz parte da vida humana embalada pelo desejo de sempre querer realizar.

Por sua vez o planejamento se realiza de forma processual na busca de responder a demanda, sempre com o olhar direcionado para o amanhã. Planejar é uma atividade que está dentro da educação e tem como um dos princípios básicos, evitar ou minimizar a improvisação.

O planejamento consiste no processo de tomada de decisão quanto ao que se pretende atingir, ou seja, os objetivos. O planejamento também agiu, como já vimos, como um instrumento de previsão e se tratando de ação pedagógica ele indica o interesse que a ação pretende alcançar, norteador o trabalho proposto e deve ser considerado e efetivado como uma

prática emancipadora. A história nos mostra que o ato de planejar acompanha o homem desde os primórdios da evolução humana, por conseguinte, o planejamento atinge vários setores da vida social.

Se é visivelmente importante e necessário por que determinados professores resistem à prática do planejamento? Quando se sabe que a efetivação da prática sem o devido planejamento anuncia o enfraquecimento da ação pedagógica, deixando-a desordenada e vulnerável ao desinteresse do aluno. Não podemos também esquecer de comentar que, o regime ditatorial contribuiu para o surgimento de uma cultura de aversão ao ato de planejar e isso com motivos espelhados nos acontecimentos das décadas de 60, 70 e até meados de 80, quando o planejamento obrigatoriamente era fiscalizado por técnicos que chegavam inclusive a alterar o que era elaborado pelo professor, determinando o que devia ser ensinado e como.

Assim explica Fusari (2008, p. 48):

Naquele momento o Golpe Militar de 1964 já implantava a repressão, impedindo rapidamente que um trabalho mais crítico e reflexivo no qual as relações entre educação e sociedade pudessem ser problematizadas, fosse vivenciado pelos educadores, criando assim um “terreno” propício para o avanço daquela que foi denominada “tendência tecnicista” da educação escolar.

Não se pode negar a intolerância em que viveu a educação sob olhares de fiscais na época do regime militar e alguns anos pós esse regime, mas é demandado vários anos e que sem dúvidas aconteceram avanços e novas leituras fazem parte do contexto, então a cultura do atraso teve tempo suficiente

para ser excluída e substituída por posturas inovadoras que representem mudanças e inclusão de conhecimentos e valorização dos saberes.

Sabe-se que no início da história da humanidade se planejava sem a devida noção da importância do ato de planejar, mas como diz a própria história, mesmos assim se planejava, e hoje depois de vários séculos e com toda a evolução tecnológica, não se planeja e nem se busca a importância disso, ou sabe, e faz descaso, logicamente estamos nos referindo a um grupo de professores que resistem a efetivarem uma prática precedida de planejamento. E mesmo sendo um grupo, não é dos menores e vem contrariado um processo que, deveria estar apresentando melhores estatísticas.

Luckese (2001, p.106) afirma que “o ato de planejar, em nosso país, principalmente na educação, tem sido considerado como uma atividade sem significado, ou seja, os professores estão muito preocupados com os roteiros bem elaborados e esquecem-se do aperfeiçoamento do ato político do planejamento”.

A mudança de postura do professor sobre a compreensão do significado de planejamento é uma questão que está em atraso. Entender que o planejamento é um ato sublimar, é um momento que exige meditação, reflexão e avaliação sobre a condição da sala de aula, as individualidades e necessidade do aluno, o contexto social, político e econômico do momento e sem invalidar a necessidade de conhecer as leituras atuais, porquanto é realmente um ato político, pois contribui para a definição do caráter do cidadão e conseqüentemente para mudanças no próprio professor, desde que esse seja consciente que é um ser inacabado. O planejamento como se vê não é um

ato técnico, é um processo didático, é humano, pois cuida do desenvolvimento de seres humanos, é um ato de interação de comunhão de partilha, de serviço que se realiza prevendo o tipo de cidadão que se pretende formar dentro da necessidade do contexto social.

Preparar uma aula é um acontecimento que enobrece o professor, pois, naquele momento ele internaliza a sua responsabilidade humana e profissional e segue em busca do melhor para oferecer ao aluno, com o espírito voltado para a solidariedade, enxergando o aluno como a sua principal ferramenta de trabalho é o seu objeto de estudo, é com o aluno que o professor cresce desenvolvendo novos conhecimentos e aprimorando experimentos, construindo amizades e contribuindo para o crescimento da nação.

Fusari (2008, p.47) diz:

O preparo das aulas é uma das atividades mais importantes do trabalho do profissional da educação escolar. Nada substitui a preparação da aula em si. (...) faz parte da competência teórica do professor, e do compromisso com a democratização do ensino, a tarefa cotidiana de preparar suas aulas (...)

Uma progressiva mudança em favor de uma tomada de consciência por parte do professor no que se refere à importância da competência disciplinar para atuação didática é óbvio que aconteça.

Sabe-se que se forma uma cadeia de elementos que influenciam na qualidade da prática pedagógica, mas não pode o professor ficar transferindo responsabilidades, quando esse sabe

ou é para saber que dentro da sala a sua competência é a estrela que ilumina o caminho do aluno a iniciativa é do professor naquilo que é de sua “propriedade” Como professor preciso me mover com competência na minha prática.

2. 9 - A Didática e o Processo de Avaliação da Aprendizagem

Sala de aula espaço de vivência e aprendizado, local de motivação e de incentivo para a superação dos erros e busca de novos conhecimentos que favoreça a vida no contexto social vem sendo discutido no que concerne a prática pedagógica que por determinados professores não está correspondendo via resultados do processo ensino aprendizagem e os dados são evidentes quando se consulta os percentuais fornecidos pelo SPAECE - Sistema Permanente de Avaliação do estado do Ceará.

A compreensão dessa diversidade exige o apoio teórico que a esclareça, sem preocupação de aprofundamentos, mas sim, de raciocínio lógico, análise da realidade e reflexão sobre a importância da atuação da didática, como ação humana desenvolvida pelo professor no seu processo de trabalho que é constituído por várias atividades junto ao aluno e dentre essas uma é merecedora de destaque especial, por se tratar de uma ação que evidencia como o processo ensino-aprendizagem está sendo conduzido. Trata-se do processo de avaliação, que pela maioria dos professores é efetivado de forma unilateral, atribuindo ao aluno e a sua família, todas as deficiências apresentadas no desenvolvimento da aprendizagem.

O processo de Avaliação ainda é considerado apenas como um momento na sua realização, porém no discurso sempre é exaltado que a avaliação é um processo contínuo e observando em algumas salas de aula detectamos que a avaliação se realiza também como ato punitivo, ameaçador e temível, pois essa postura tomada pelo professor é um anúncio do despreparo de alguns profissionais da educação que para amparar a sua insegurança muitos agem com as ameaças identificando a sua prática ineficiente por ausência de estudo, leitura e reflexão o que inviabiliza a prática pedagógica com competência.

O avaliar é hoje mais que antes, uma ação que une saberes, comportamentos e atitudes de professores e alunos, abrindo espaço para ambos crescerem intelectualmente e amadurecerem para o exercício da cidadania. Mesmo considerando que vivemos numa sociedade moderna, de inúmeras e rápidas conquistas tecnológicas, a escola ainda convive com um perfil tradicional, burocrático e essa condição, reflete no trabalho pedagógico em suas várias dimensões e dentre elas destacamos o processo de avaliação da aprendizagem.

É perceptível que a ausência da didática alinhada a prática docente é um fato a ser considerado e reparado. Quando o professor trabalha se utilizando de formas organizadas e ordenadas, a repercussão efetiva-se em todos os momentos do processo ensino-aprendizagem que se faz composto pelo planejamento, pela prática e pela avaliação vindo a contribuir consideravelmente com a mudança de comportamento do aluno. Vejamos: se o processo não acontece de maneira isolada, o professor precisa vir junto ao aluno, pois não se avalia apenas o que o aluno fez ou não fez, se avalia ainda o que e como foram

articulados os conhecimentos pelo professor. Quando o professor não se utiliza de uma didática envolvente, a ineficiência ocorrerá em todos os momentos do processo. A didática qualifica a ação pedagógica através da utilização de métodos eficazes e eficientes na busca de conduzir o aluno a pensar e a construir seus ideais e sonhos com confiança no que está conquistando com os conhecimentos ministrados pelo professor e interagidos com os que aprendem extra sala de aula.

É bastante perceptível o constrangimento dos alunos ao saberem que vão realizar uma avaliação, isso demonstra que a ausência da organização nas orientações e entende-se falhas na metodologia de ação do professor. Não existe trabalho sedimentado numa metodologia didática que viabilize a compreensão do aluno sobre o valor e o papel da avaliação. Aqui vimos duas situações que exigem um repensar: a primeira é o fato da ausência da didática e a segunda é uma consequência, a ausência de estudo pelo professor, isso o leva a ignorar a concepção da contribuição da didática no processo de avaliação. Várias são as concepções e posicionamentos sobre o processo de avaliação da aprendizagem. O autor, Romão (1998, s/p), demonstra também as concepções de avaliação como a avaliação na concepção construtivista e na positivista.

Na concepção construtivista, a avaliação ocorre subjetivamente através da auto-avaliação, a avaliação é vista de forma qualitativa, preocupando-se tanto com o processo que acabam por desconhecer ou desqualificar os resultados. Em contrapartida, a avaliação, na concepção positivista, ocorre objetivamente através da avaliação final dos alunos, a avaliação se dá assim de forma quantitativa, apresentando função

classificatória, baseada em padrões - científicos ou culturais - preocupam-se tanto com o fim que desqualificam o meio, o processo.

Além de apresentar as duas concepções metodológicas, Romão, sugere um equilíbrio entre estas concepções, propondo uma avaliação em três estágios, igualmente, importantes. A avaliação, dessa forma, tem uma **função prognóstica**, que avalia os pré-requisitos dos alunos, considerada a avaliação de entrada, avaliação de *input*; uma **função diagnóstica**, do dia-a-dia, onde são apresentadas as estratégias e os procedimentos, a fim de *verificar quem absorveu todos os conhecimentos e incorporou as habilidades previstas nos objetivos inicialmente estabelecidos*; Romão apresenta, ainda, uma **função classificatória**, avaliação final, que funciona como comprovação do nível alcançado pelos alunos, avaliação de *output*.

Para o processo de avaliação cumprir sua intenção inicial, a de produzir motivação, é preciso que se admita que haja algo relevante se tratando de como aconteceu a articulação dos conteúdos e as interfaces de relações professor-aluno ea escola como um todo, considerando as indicações de possibilidades de o aluno aprender.

Tem cabido à didática a função de propor os melhores meios para tornar possível, efetivo e eficiente o ensino e a aprendizagem. Adverte-se a atenção com outras questões que, não se relacionam com os conteúdos, mas sim, as que envolvem os agentes do processo (professor e aluno) a relação pedagógica no sentido mais amplo e a indisciplina, enfim a avaliação não se justifica quando acontece desconhecendo todos os elementos que a fortalecem e que fazem parte, ou seja,

o processo de avaliação não é em sua estrutura orgânica apenas conteúdo, é participação e mediação, é compreensão e valorização dos avanços, mesmo não sendo em alta conquista. Com vista aos esclarecimentos, observa-se ainda mais, a necessidade de efetivar a ação avaliativa com estética, utilizando metodologias apropriadas, considerando as diferenças de condições de aprendizagem dos alunos. A didática é uma âncora na dinamização da prática pedagógica, levando com clareza a importância dos conteúdos no cotidiano do aluno e seus significados na formação social do cidadão.

A educação como todo fenômeno tem seu histórico, uma escola não acontece sem a participação de todos e não é um ajuntamento de pessoas nem de atividades, com horários determinados, mas sim uma proposta orgânica, em que se insere a escola que existiu, a que existe e a desejada. Essa escola que se deseja está focada nos conteúdos interagidos com as relações pessoais e interpessoais, com a pedagogia do respeito e afetividade, desenvolvendo valores e competências que, segundo Rios, (2001, p. 132) “Competência se define como um conjunto de qualidades presentes na ação profissional”.

O que se constata além da ausência de importantes condições é o descompasso entre as rápidas mudanças na sociedade e a resistência às mudanças nas estruturas básicas do ensino, conseqüentemente essa resistência repercute, na ação de planejar e no ato de avaliar.

Estamos no século XXI que é enfático no processo de desenvolvimento humano, porém ainda convive com atitudes pedagógicas incoerentes que foram modelos em décadas passadas, ou seja, pouco evoluiu. O processo de avaliação em muitas escolas se resume em atribuir notas, obrigatórias a

decisão de avanço ou retenção em determinadas disciplinas.

A avaliação precisa ter resultados que forneçam subsídios ao trabalho docente, direcionando o esforço empreendido no processo de ensino e aprendizagem de maneira a contemplar a melhor abordagem pedagógica e o mais pertinente método didático adequado à disciplina, mas não considerando apenas um resultado isolado. A avaliação aliada a uma metodologia didática fundamentada na capacidade do aluno aprender e na necessidade do professor gradativamente perceber a sua atuação e a sua própria auto-imagem que também variam de acordo os diferentes momentos de sua profissão.

Avaliar significa atribuir valor e mérito ao objeto em estudo e não associar o ato de avaliar ao de “medir” os conhecimentos que o aluno adquire, vejamos: se o processo de ensino e aprendizagem se consolida na interação e na troca de saberes e que na maioria das vezes o saber do professor prepondera-se aos do aluno, como se explica a avaliação ser utilizada apenas para medir o nível de aprendizagem do aluno? Dessa forma o professor se auto anula, pois a lógica nos leva a entender que esse julgamento efetivado sobre o aluno se associa também para ser medido o propósito do professor. Significa que falta a esse entendimento que o ato de aprender ou não é também o resultado do trabalho docente.

A didática pedagógica exige rigorosidade na prática docente, caso contrário o professor poderá perder o controle sobre a ação. A lógica hoje refletida pela prática pedagógica no processo de avaliação gera uma concepção de que o conhecimento é algo pronto e acabado, verdade absoluta externa ao aluno e que deve ser nele inculcado para, depois, de

memorizada, ser reproduzida, avaliada e utilizada. Contrariando os atuais paradigmas.

O ensino através de alguns professores ainda acontece de forma mecânica, sem significado e os conteúdos são transmitidos e memorizados nos moldes de estímulo e resposta e descartados após as fadadas provas.

professores aderem ao emprego de metodologias sem se preocuparem com os pressupostos, com o estudo do contexto em que foram geradas, sem atentarem para a visão de mundo, de homem e de educação que eles veiculam. (VEIGA, 1994, p. 20)

O que se entende é que são vários os dilemas acerca da avaliação. Dentre inúmeras perguntas essa sempre é exaltada: quem são os responsáveis pelo fracasso escolar, professor, aluno ou a sociedade? Infelizmente a avaliação para alguns professores ainda é um acerto de contas e não um momento onde o estudo e o crescimento cultural, social e pessoal do aluno e do professor estão em jogo. Então a avaliação deve ser vista apenas como produto ou como processo?

É exigido atualmente até pela posição do contexto social, uma avaliação democrática e a primeira entidade a exigir é a sociedade quando essa emite alguns conhecimentos de que a avaliação fundamentada na democracia sugere que o professor se aproxime do aluno, conheça-o, estabeleça vínculo e parceria criando condições para a mediação, contribuindo, portanto, para a evolução dos saberes.

É possível sim, realizar uma avaliação mais humana, formativa e processual que garanta a interação do conhecimento e que não se configure como ameaça para o aluno. Afinal

avaliação é um momento sublimar e não um acerto de contas. O professor tem que se adaptar ao meio e tentar transmitir sua didática considerando o meio em que vive o aluno; e essa deve servir como mecanismo de tradução prática no exercício educativo.

Sendo, portanto, a avaliação um conjunto de procedimentos que visa acompanhar o ato educativo e assegurar a consecução de seus objetivos não é oportuno quando essa seja efetivada com interesse apenas nos resultados do aluno. Sendo assim, onde fica a análise do trabalho exercido pelo professor? Insinua-se um entendimento que a responsabilidade do professor só é adicionada quando o aluno é bem sucedido. Daí implica em tomada de decisão, observação e conhecimento conquistado pelo aluno confirmando que avaliar é processo seguindo um itinerário que deve ter ordenação metodológica caso contrário atropela o ensino-aprendizagem.

A avaliação deverá ser como um instrumento de compreensão no processo de aprendizagem em que o aluno se encontra tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem. Suas funções emanam da auto compreensão do sistema de ensino, auto compreensão do professor e auto compreensão do aluno. Para que haja mudanças quanto à efetivação do processo de avaliação é preciso que novos estudos atraiam professores e dirigentes das unidades escolares pois o que se constata ainda é uma cultura de represália e ameaça.

2.10 – A Didática e os conteúdos

A transposição didática atenta para a distinção entre disciplina escolar e conhecimento científico. A transposição didática se fortalece, quando se apropria dos procedimentos para o ensino, por exemplo: a física escolar, não se confunde com a física ciência, mas é uma parte dela, acrescido daquilo que a física ciências não tem um pressuposto como se ensina e aprende física.

É a transposição didática que impulsiona a proposta pedagógica que se constitui na grande articuladora de intenções educativas onde se definem as competências, os conteúdos, os recursos e os meios. É um processo de modificação do conhecimento quando esse é interagido com o aluno que ao entrar na escola o objetivo de conhecimento, o saber científico ou as práticas sociais passam a ser “objetos de ensino”, isto é, em conteúdo curricular.

Esse processo de modificação dos conhecimentos já acontece os professores já o fazem, embora nem sempre com eficiência e sem o conhecimento do que está sendo realizado.

O fenômeno de transposição didática se dá quando:

- O conteúdo é selecionado ou recortado conforme o que o professor considere importante para construir as competências acordadas na proposta pedagógica;
- Quando alguns temas são mais focados, reforçados ou diminuídos;
- Quando o conhecimento é dividido para facilitar a sua compreensão, porém, depois o professor estabelece a relação no que foi dividido;
- Quando o conteúdo para efeito de organização é

distribuído no tempo para uma ordenação de conceitos e relações.

Para acontecer a transposição sistemática é preciso competência para saber selecionar os conhecimentos, conforme a sua importância para o desenvolvimento das competências escolhidas que vão garantir a inclusão do aluno no mundo moderno. Outro ponto é a capacidade para definir os aspectos relevantes dos conteúdos, terem domínio sobre o conhecimento, saber interdisciplinar e saber contextualizar, dominar estratégias e ter um pressuposto sobre como o aluno constrói seus conhecimentos.

No processo de transposição dos conhecimentos, esses também têm caminhos a percorrerem e um deles é a interdisciplinaridade que é atualmente chave, para a organização do currículo, com o propósito de estabelecer uma intercomunicação efetiva entre as disciplinas evitando a fragmentação dos conteúdos. A interdisciplinaridade como prática do currículo escolar se expressa em vários níveis de colaboração.

Descrever e/ou explicar um mesmo fenômeno na perspectiva de diferentes disciplinas, concomitante, sequencialmente ou com um intervalo de tempo relativamente curto. Quando isso acontece, o que há de comum entre as disciplinas é o objeto ou o tema. Outro nível mais complexo não prescinde da explicação do fenômeno no âmbito de cada disciplina separadamente, mas vai além: ao estudar as relações entre as diferentes formas de conhecer o fenômeno da poluição, por exemplo, reconstrói esse fenômeno com a construção de cada disciplina, mas resultando num conhecimento diferente e

mais complexo.

A interdisciplinaridade também propõe uma maneira de enxergar a **Geografia** na sala de aula. “A geografia, vista interdisciplinarmente, ao lado das habilidades de descrever, observar e localizar pode contribuir também para um processo de comparação que conduza a novas explicações” (FAZENDA, 2003, p.62).

Trabalhar com temáticas atuais permite o desenvolvimento de comparações entre realidades diferentes. Possibilita ao aluno questionar, pôr em dúvida determinadas verdades e, a partir delas, elaborar explicações. É nesse exercício de pergunta e pesquisa, de possibilidades de respostas (que podem ser diferentes, não precisam ser iguais às esperadas pelo professor) que o aluno constrói a capacidade de argumentar, refletir e inferir sobre determinada realidade. É no repensar constanteda prática, no diálogo entre os professores e com os teóricos, que as concepções vão se formando e, com elas, a própria formação do aluno.

Esta decisão impacta, também, no ensino de disciplinas consideradas clássicas por décadas e que, tradicionalmente, foram associadas essencialmente à memorização. É o caso da **Matemática**.

Para a Interdisciplinaridade:

(...) ensinar matemática é, antes de mais nada, ensinar a ‘pensar matematicamente’, a fazer uma leitura matemática do mundo e de si mesmo. ‘É uma forma de ampliar a possibilidade de comunicação e expressão, contribuindo para a interação social, se pensada interdisciplinarmente’. (FAZENDA, 2003, p.62).

A Matemática é, sem dúvida, outra forma de linguagem. Totalmente presente no cotidiano, precisa ser compreendida antes de aplicada, movimento contrário do qual a escola ensinou por décadas. O modo como ela é experienciada nas escolas reflete não só o que acontece nos horários de aula. Dependendo de como é concebida, seu acolhimento – ou rejeição – é altamente percebido (por quem for um pouco mais atento) nos corredores da escola, no intervalo das aulas e na preparação dos alunos para as provas.

A forma de avaliar frequentemente traduz a intencionalidade do processo educativo. As listas de exercícios, como o “siga o modelo” são substituídas por desafios, construções coletivas de mapas conceituais, escritas coletivas de histórias, projetos e jogos. Materializa-se uma maneira concreta de aprender, mais dotada de sentido.

Outra linguagem, completamente imersa no cotidiano do aluno, é a científica. Sobretudo as crianças pequenas são dotadas de uma curiosidade quase que insaciável. O desejo de descoberta percorre suas vivências e permite que um novo mundo se abra à medida que seu olhar se desperta para ele. Nesse sentido, a interdisciplinaridade propõe a efetivação de uma nova dinâmica nas aulas de **Ciências**, desprendida das seqüências estabelecidas linearmente por grande parte dos livros didáticos.

Numa proposta interdisciplinar, o professor de ciências que não tivesse seu problema de domínio do conteúdo completamente resolvido, poderia adotar em sala de aula a postura de quem faz ciência, ou seja, não ter todas as respostas prontas, mas apresentar disponibilidade intelectual para procurar

soluções que envolvam outras esferas e pessoas que não a sala de aula e o professor. (FAZENDA, 2003, p.63)

Permitir que cada aluno se transforme em um “cientista” significa considerá-lo, também, como protagonista do processo de ensino e aprendizagem. O professor já não possui mais o papel de detentor de todas as possibilidades e nuances do saber. O conhecimento não é considerado como estático, mas em constante transformação. As aulas consideram o avanço científico provocado pela diversidade de pesquisas que diariamente alcançam novos resultados, sobretudo pelo grande aparato tecnológico destinado para este fim, disponíveis em grande parte do planeta.

Essa maneira de enxergar o trabalho com a área de ciências permite a compreensão e o estabelecimento de uma nova forma de olhar o conhecimento, o ensino e a aprendizagem. Algumas questões parecem-me tomar a forma diferente daquela das minhas memórias. No desenrolar dos textos enxergo uma nova possibilidade de praticar a escola, de torná-la viva, mais próxima da realidade social e da realidade de nossos alunos. Muito diferente do conhecimento morto que em nada alcança a vivacidade desse período em que vivem as crianças e adolescentes em idade escolar.

Preocupada com os rumos que a educação vem tomando em nosso país, Fazenda (2003) discorre sobre as abordagens e sobre o caminhar da interdisciplinaridade no Brasil ao longo dos anos, esbarrando no fazer pedagógico de muitas salas de aula. Ao observá-las, revela um misto de revolta e angústia, nuances de um breve diagnóstico de algumas percepções do cotidiano:

A transposição ainda acontece através da contextualização. Contextuar, enraizar uma referência em um texto, de onde fora extraído e longe do qual perde parte substancial do seu significado. Contextuar é, portanto, uma estratégia fundamental para a construção de significações. A didática em visão ampla, procura ser explorada em concepção fundamental como explica Candau (1993, p.21).

A reflexão didática parte com o compromisso com a transformação social, com a busca de práticas pedagógicas, que tornem o ensino de fato eficiente para a maioria da população. Ensaia, analisa e experimenta. Rompe com uma prática individualista.

Partindo desse pressuposto, fica bastante claro o quanto a didática tem para oferecer em termos de alternativas para a realização da prática pedagógica se dar com mais possibilidades de provocação e indução para a em várias e. A realidade em várias escolas no que tange ao exercício da prática pedagógica está distante do que é considerado como prática inovadora. A própria missão da escola, em determinados momentos nos leva a pensar que, foi transgredida, sendo substituída por outros paradigmas que alimentam o comodismo a mesmice e a falta de iniciativa sem interesses por novos saberes.

É necessário estimular os atores do processo e trabalhar os conhecimentos com sentido, envolvendo-os nos seus significados para o cotidiano não só do aluno, mas do professor e da escola como um todo, vivo interagindo com o comportamento e as necessidades da sociedade. Como explica Veiga (2005, p.44), “A didática tem uma importante contribuição a dar: clarificar o papel sociopolítico da educação, da escola e

mais especificadamente do ensino.” Também se entende que as técnicas de ensino são componentes do processo e mesmo assim, não se anula a necessidade de novos instrumentos que, em sua maioria não são novos, apenas não são trabalhados.

Numa abordagem tecnicista de escola “só se tornaria eficaz caso adotasse o modelo empresarial.” (ARANHA, 1989, p. 116). Nesse sentido o emprego das técnicas seria como um toque de mágica para solucionar as questões do processo de ensino, imprimindo-lhe racionalidade, objetividade, neutralidade e eficiência. Nesse período ocorre o que Candau (1986) denominou de afirmação do técnico e o silenciamento do político no pressuposto da neutralidade.

Nesse momento a ênfase na técnica é mais destacada do que na abordagem escolanovista. No tecnicismo, as técnicas criam vida própria, tornam-se autônomas e garantem a eficiência no ensino: inverte-se a lógica de que as técnicas estão a serviço de professores e alunos; esses tornam-se meros espectadores da realidade que permeia a escola e a sociedade.

A partir do final da década de 70, com a crise do modelo sócio-econômico e político implantado pela ditadura militar³ torna-se significativa a crítica ao tecnicismo, a denúncia de sua pseudoneutralidade e conseqüentemente a explicitação do real comprometimento com o *status quo*, escondido sob o véu da neutralidade. No cenário educacional avolumam-se as críticas, a partir da influência das teorias crítico-reprodutivistas, que trazem à tona a relevância do político e a negação da técnica que passa a ser encarada como algo que aliena e macula o fazer pedagógico. Na segunda metade da década de 80 se processou um redimensionamento do papel das técnicas no processo ensino.

2.11 - Suporte para a ação pedagógica

Partindo do entendimento que as técnicas não são autônomas, que devem estar a serviço de professores e alunos e do projeto histórico construído por esses; aquela deve ser vista de forma contextualizada, o professor poderá escolher ensinar técnicas para dar suporte a sua ação pedagógica tornando-a mais dinâmica e mais criativa. Diversas são as técnicas de ensino utilizadas ao longo da prática profissional do professor. Exemplificando algumas técnicas que servem como instrumentos do professor na busca de tornar sua prática mais eficiente.

- Aula Expositiva Dialógica

Essa forma de aula expositiva utiliza o diálogo entre professor e alunos para estabelecer uma relação de intercâmbio de conhecimentos e experiências. O diálogo, entretanto, deve ser considerado não apenas como uma conversação, mas sim como uma busca recíproca do saber. (FREIRE, 1993,p.42)

A aula expositiva parte da problematização como meio de eliminar a passividade do aluno e evitar a mera memorização e reprodução dos conhecimentos presentes na aula tradicional. Nesse sentido os alunos são incentivados a indagar, questionar, a reelaborar e a produzir conhecimentos.

- Estudo de Texto

Estudar um texto é trabalhar nele de modo analítico e crítico, desvendando- lhe sua

estrutura, percebendo os recursos utilizados pelo autor para a transmissão da mensagem, descobrindo o objetivo do autor, antevendo hipóteses, testando-as, confirmando-as ou refutando-as. Para que o estudo do texto se realize com plenitude, além do desenvolvimento das habilidades de compreensão, análise, síntese, julgamento, inferência, etc., é necessário que haja, também, uma etapa final, em que os alunos exteriorizem, pela produção própria, algo que adquiriram com o estudo de texto. (AZAMBUJA e SOUZA, 1993, p. 49).

Nessa técnica alguns cuidados são fundamentais: a preparação prévia dos alunos para a leitura do texto; crítica de leitura, que baseia-se numa relação entre “leitor-autor-texto-contexto” e o estudo do texto como ponte para a produção de novos textos.

- Estudo Dirigido

O Estudo dirigido pressupõe a diretividade por parte do professor do aluno e, se fundamenta na atividade e se efetiva na situação socioindividualizada em sala de aula ou fora dela, mas sempre sob a direção do professor, que exerce um papel insubstituível na condução do processo de ensino do qual os estudantes participam (VEIGA, 1993, p.80)

- Seminários

O Seminário de texto é realizado a partir de um texto atribuído a um indivíduo ou grupo que orientado pelo professor, vai lançar mão da pesquisa (bibliográfica, de campo, etc.) e

problematizar o texto em estudo.

No sentido restrito o seminário visto como técnica de ensino é o grupo de estudos em que se discute e se debate um ou mais temas apresentados por um ou vários alunos, sob a direção do professor responsável pela disciplina ou curso. (VEIGA, 1993, p. 107)

- Painel

O objetivo do painel é apresentar ao grande grupo um quadro de informações e análises, complementares ou divergentes, a respeito de um tema. Conforme os autores existem três tipos de painel: painel de especialistas, painel de interrogação e painel de exposição. O Painel de especialistas é formado por expositores que analisam um determinado tema coordenado por um mediador.

O painel de interrogação é composto de especialistas que fazem sua explanação e posteriormente são formuladas perguntas por outros especialistas.

O painel de exposição se estabelece quando dois especialistas ou duas equipes expõem posições divergentes e debatem entre si. Nessa técnica o – painel - é fundamental ter tido oportunidades o envolvimento dos ouvintes, após ter tido oportunidade de formar um quadro de referência, a partir dos aspectos divergentes destacados sobre o tema em questão.

- Simpósio: “O simpósio é freqüentemente confundido com o semanário ou como painel. A diferença está no fato de que o simpósio permite um trabalho de maior envergadura e mais participativo” (CARVALHO, 1995, p.133).

Em sala de aula é interessante dividir a turma em pequenos grupos dando-lhes como assunto os diversos aspectos do tema, para estudo e posterior apresentação por um dos integrantes do grupo - o relator.

- Estudo de caso

O estudo de caso é útil para avaliação de aproveitamento exercício de aplicação de conhecimento, análise de situação relevante ocorrida, motivação de alunos, entre outros usos. É uma das fontes de elaboração para teses e monografias científicas. (CARVALHO, 1995, p.133).

É uma técnica que permite aos alunos analisar situações concretas, bem como ajudar nos momentos de síntese.

- Dramatização

Esta técnica tem a intenção de analisar em todos os aspectos possíveis o tema: conteúdo verbal, linguagem não verbais, posturas e atitudes (Ibid, p.135), após uma apresentação em forma de teatro e depois todos analisam.

- Phillips

Esta técnica tem como objetivo maior fazer com que todos participem ativamente ao mesmo tempo em que promovem o entrosamento. Conforme Carvalho (1995, p. 131) este é realizado da seguinte forma:

O grande grupo divide-se em subgrupos de seis membros vizinhos (três sentados à frente

viram-se para os três de trás), que dispõem de seis minutos para realizar atividade proposta, procurando chegar a um resultado comum, que o relator apresenta. Havendo necessidade, pode-se ampliar o tempo até quase dobrá-lo.

Esta serve para realizar trabalhos de opinião e trabalhos rápidos com participação de todos.

- Estudo do Meio

De acordo com Balzan *apud* Veiga (1993, p.119) o estudo do meio:

É uma técnica de grande importância, pois é através dela que se leva o aluno a tomar contato com o complexo vivo, com um conjunto significativo que é o próprio meio, onde natureza e cultura se interpenetram.

O estudo do meio acontece no momento que o grupo sai do ambiente da escola. Porém, o autor lembra que mesmo sendo uma saída da escola esta se caracteriza por uma atividade extraclasse e não extracurricular. Outra importância apontada é que no momento possibilita a integração de diversas áreas do conhecimento. Não basta a utilização de tecnologia, diversificando as formas de produzir, precisa inovar em termos de prática pedagógica e apropriar-se do conhecimento.

2.12 - Funções dos recursos didáticos

Adequar aos objetivos, conteúdo, grau de desenvolvimento dos alunos e aos seus interesses e necessidades;

Adaptar para a função que se quer desenvolver (cognitiva, afetiva ou psicomotora); Aplicar com simplicidade, fácil manejo, baixo custo e manipulação acessível; Utilizar com qualidade e exatidão;

Despertar interesse e curiosidade.

2.13 - Classificação brasileira dos recursos audiovisuais

- Álbum seriado
- Cartazes
- Computador
- Datashow
- Desenhos
- Filme
- Flanelógrafo
- Folders
- Gráficos
- Gravador
- Gravuras
- histórias em quadrinhos
- ilustrações
- jornais
- letreiros
- livros

- mapas
- maquete
- mimeógrafo
- mural didático
- museus
- quadro magnético
- quadro de giz
- rádio
- retroprojektor
- revistas
- slides
- televisão
- textos
- transparências
- varal didático
- videocassete

CAPITULO III

MARCO METODOLÓGICO

3.1- Características metodológicas

Este trabalho está embasado em uma abordagem qualitativa no que se refere à natureza dos dados coletados que, irão fomentar explicações para os fatos encontrados na pesquisa de campo realizada.

3.2 - Tipo e nível de investigação

A pesquisa de caráter qualitativo faz uma abordagem de como está sendo a prática de ensino na Escola de Ensino Fundamental Destaque localizada no município de Juazeiro do Norte no estado do Ceará. Dentro dessa abordagem, é focada a importância da didática contribuindo em todos os aspectos pedagógicos, buscando a melhoria da qualidade do processo ensino aprendizagem, desde as concepções sobre a didática, passando por suas dimensões, a vida social do aluno, as práticas sociais, a formação dos professores, a ação do currículo, o planejamento escolar, a avaliação da aprendizagem, cujo nível de profundidade é descritivo.

Foram realizadas entrevistas, conversas informais, observação da prática de ensino, reuniões e aplicação de questionários junto a vinte profissionais entre professores e funcionários de um universo de sessenta e quatro profissionais das unidades de ensino investigadas.

O propósito firmado nesse trabalho de pesquisa, sobre a prática de ensino eficiente foi de pesquisar o seu desenvolvimento em dezesseis professores se esses estudam com frequência, se apresentam vontade de inovar e se têm iniciativa e se a escola propicia através dos seus gestores, uma ambiência fluente que possibilite os profissionais a efetivarem suas competências, porém o que foi observado e indagado sinaliza um resultado preocupante. “Conforme os teóricos defensores da prática pedagógica competente guiada por um planejamento consciente da importância das relações professor, a escola é sem dúvidas a grande motivadora através do entusiasmo dos gestores isso resulta num trabalho envolvente que termina todos interessados pelo dar certo”, todavia o que encontramos foi um desencontro do que foi observado com o que é remetido pelos livros, em um número significativo de salas de aula. Falta iniciativa, conteúdo, compromisso e atualização com os fatos e com o desenvolvimento da tecnologia.

O caminho da aquisição do conhecimento na sala está precisando de um alinhamento com o caminho da aquisição do conhecimento que o aluno trilha fora da sala de aula, parece até que ainda se pensa que só na sala de aula é que se efetiva a construção ou a conquista dos conhecimentos que também não é real.

O que precisa, é de professores vontadeosos, desejando realizar uma prática mais integrada. Mas a nossa pesquisa nos apresentou situações insustentáveis que regulam o potencial de determinados professores: referimo-nos aos gestores que dificultam a prática pedagógica, muitas vezes até interferindo na organização da sala de aula.

3.3 - Desenho da investigação

Foi nosso objetivo pesquisar a maneira como está sendo vivenciada a prática de ensino na sala de aula, por amostragem de uma escola de ensino fundamental. A investigação é fundamentada nos resultados da aprendizagem que, não representa a existência de diálogo entre professor e aluno, muito menos um exercício de mediação sabendo que a didática tem uma influência muito grande nessa situação, fomos à procura de experiências que contemplassem uma prática de ensino com estética através de uma didática metodológica e não encontrando em alguns professores, sugerimos no final da investigação que, esses professores busquem refletir na perspectivas de novas alternativas.

A investigação tornou-se um instrumento para estudo com predominância qualitativa sobre o exercício docente junto ao aluno, considerando a pesquisa de campo não experimental. O nosso trabalho organiza-se dentro do estudo do gênero descritivo, procurando obter informações atuais na perspectiva de consubstanciar as sugestões para uma prática mais eficaz.

O propósito firmado para esse estudo nos levou a desenvolver uma investigação ancorada em determinados elementos que possibilitassem evidências dentro do contexto pedagógico que o envolve diretamente. E como primeiro elemento destacamos a nossa preocupação quando vimos alguns resultados do processo ensino aprendizagem, traduzidos em gráficos.

Em seguida, já com algumas informações processadas nos dirigimos às escolas para que delas fizéssemos o nosso laboratório da pesquisa, com vistas a efetivarmos uma análise

comparativa, com a teoria encontrada nos livros e entre os próprios professores, também buscando na técnica auto descritiva que consiste na informação verbal, esclarecimentos sobre o desenvolvimento da prática de ensino.

Estivemos em sala de aula, observando como a aula era ministrada e foram confirmadas algumas questões que precisavam ser elucidadas, vejamos: O aluno está sempre na sala com freqüência, uns mais que outros, deixam os entretenimentos preferindo a escola e nela ele não encontra o que esperava no que se refere a uma aula motivada, termina este aluno sem uma promoção para o ano seguinte ou se evadindo. À medida que observávamos o aluno também observávamos o professor, ambos sem motivação.

Para melhor registrar, fizemos entrevistas e utilizamos instrumentais que notadamente expressariam números. Após toda a pesquisa vimos o quanto foi interativo o nosso relacionamento com as escolas e o quanto a teoria interacionista aperfeiçoa a aproximação de pessoas e de conhecimentos.

3.4 – População e Amostra

Foram sujeitos desta pesquisa cinquenta (50) profissionais: número de mostragem vinte (20) profissionais: quinze (15) professores, dois (02) gestores e três (03) funcionários. Todos os professores que subsidiaram a pesquisa, são graduados, sendo: quatro (04) em pedagogia, quatro (04) em história e geografia, três (03) em letras, dois (02) em biologia e um (01) em matemática todos possuem especializações mais diversas áreas e os dois (02) gestores são graduados em pedagogia com especialização em gestão escolar, quanto aos

funcionários dois (02) têm o ensino médio e um (01) o fundamental incompleto.

3.5 - Técnicas e coleta de dados

Foram aplicados questionários investigativos e realizadas entrevistas verificando o perfil do professor e funcionário em estudo, sua prática docente, os recursos utilizados em sala de aula e quanto aos funcionários fizemos um diagnóstico no tocante ao envolvimento de todos que compõem a escola na questão da aprendizagem do aluno, procedimentos didáticos e relações interpessoais dos professores. Após a elaboração do questionário, este foi reproduzido e entregue aos professores, funcionários e ao núcleo gestor. Acompanhando foi entregue também um termo de consentimento para os professores, funcionários e núcleo gestor no que concerne à disponibilidade de cada profissional.

Foram entregues vinte questionários e no final de uma semana nos foram devolvidos todos, devidamente preenchidos. As conversas informais muito alimentaram a pesquisa, estas eram realizadas nas dependências da escola sem burocracia maior. Foram realizadas duas reuniões com o propósito de socializar o que pensavam a respeito da importância de um atendimento mais aprimorado e habilidoso junto ao aluno. Todos os instrumentos da investigação se caracterizaram descritivos, otimizando a compreensão nos vários fenômenos registrados na prática de ensino.

3.6 - Processamento e análise de dados

Os dados brutos foram coletados como consequência de uma ação colaborativa das pessoas envolvidas no processo da pesquisa foram analisados e tabulados, posteriormente organizados em gráficos e tabelas. A coleta foi efetivada obedecendo a um cronograma de recebimento semanal de maneira pontual o que muito contribuiu para a elaboração desse trabalho e no que tange a análise essa se deu com fidedignidade respeitando os dados recebidos e cuidadosamente refletidos, buscando uma constatação de coerência com o que foi solicitado com o propósito de identificar como a prática de ensino estava sendo realizada. Destaco que a análise foi discriminante considerando a variável em sua determinação.

CAPÍTULO IV

MARCO ANALÍTICO

4.1. Resultados e análises

O que nos levou a fazer esta pesquisa foi o conhecimento que tivemos a respeito dos resultados do processo ensino aprendizagem das Unidades de Ensino Fundamental da Rede Pública do estado do Ceará. Situamos uma Unidade e sentimos a importância de realizarmos a pesquisa, explorando com que frequência os elementos que contribuem para a qualidade da prática docente estavam sendo validados, de uma vez que os alunos estavam com lentidão no desempenho da leitura e da escrita não alcançando as competências específicas e necessárias, quanto às relações do currículo com o contexto sócio, vimos que a harmonia precisa ser intensificada o que também percebemos nas relações entre docentes e gestores, ou seja, com este comportamento a unidade apresentava estrangulamento em seus focos pedagógicos: planejamento e ação avaliativa, conseqüentemente comprometendo o desenvolvimento da função da escola, preconizada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96.

Buscamos orientações nas teorias de Paulo Freire, Terezinha Rios, Vygotsky e essencialmente Comenius. A pesquisa incisiva no seu propósito de explorar para descrever o que necessitaria melhorar, conseguiu chamar a atenção dos envolvidos, levando-os a uma reflexão sobre a atuação do processo pedagógico e da importantes interações no grupo de trabalho.

O intento que tinha como objetivo despertar todos os profissionais envolvidos a fazerem uma reflexão foi exitoso, na compreensão sobre uma prática voltada para o interesse do aluno, suas necessidades e peculiaridades os professores foram tocados a fazerem leituras sobre as metodologias didáticas, na perspectiva de tornarem as aulas atrativas e eficientes, inovarem a sistemática do processo de avaliação e elaborarem o planejamento pedagógico.

01 - Apresentação gráfica: Nível de escolaridade dos professores

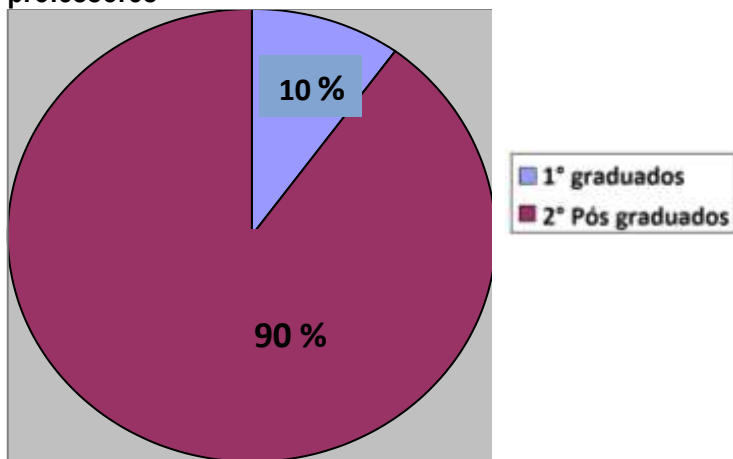


GRÁFICO 1: NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS PROFESSORES

02 - Apresentação gráfica: Formação continuada de professores.

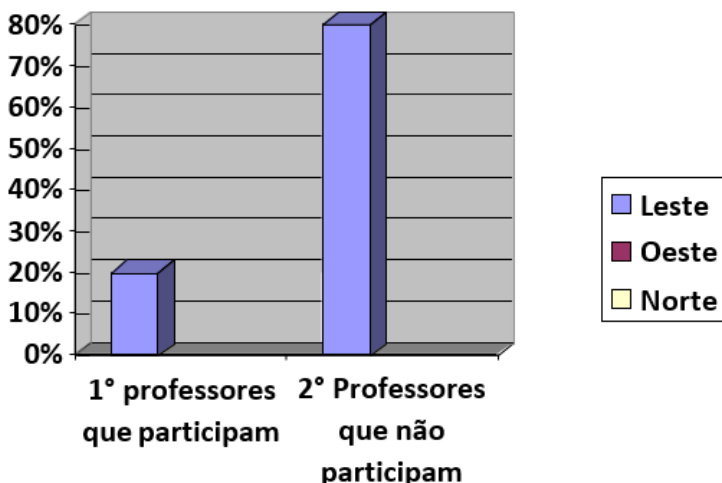


GRÁFICO 2: FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

03- Apresentação gráfica: Nível de escolaridade dos funcionários.

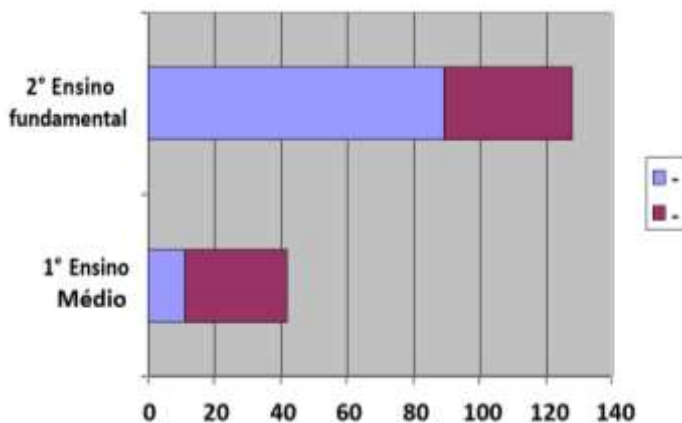


GRÁFICO 3: NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS FUNCIONÁRIOS

04- Apresentação gráfica: Rendimento escolar dos alunos observados –referência 2010.

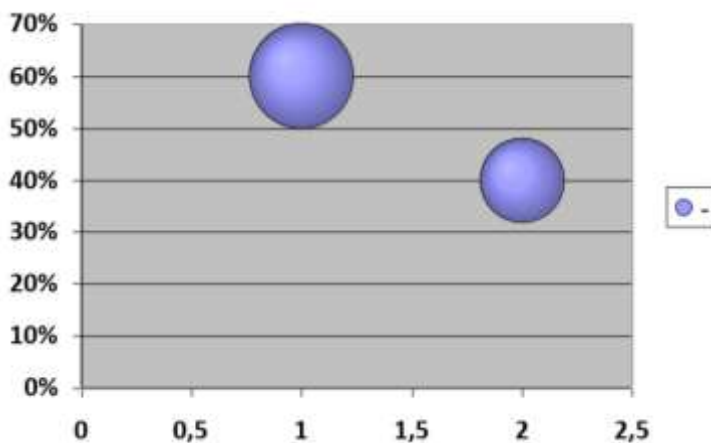


GRÁFICO 4: RENDIMENTO ESCOLAR DOS ALUNOS OBSERVADOS – REFERÊNCIA 2010

Número de salas de aula envolvidas: 06 salas

Número de turmas de alunos observados: 13 turmas

total de salas de aula da escola: 08 salas

Total de turmas da escola: 21 turmas

Número de alunos observados: 455 alunos

Series observadas de 1ª a 5ª série

01 - Alunos promovidos – 60 %

02 - Alunos não promovidos – 40 %

05 Apresentação gráfica: Professores que desenvolvem uma prática pedagógica utilizando a didática metodológica.

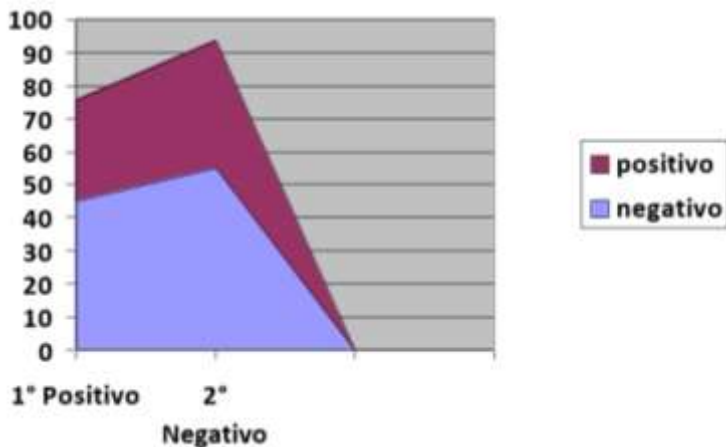


GRÁFICO 5: PROFESSORES QUE DESENVOLVEM A PRÁTICA PEDAGÓGICA UTILIZANDO A DIDÁTICA METODOLÓGICA

TABELA 1 – Razões para a elaboração do planejamento pedagógico.

TABELA 1: RAZÕES PARA A ELABORAÇÃO DO PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO

PARTICIPAÇÃO / PLANEJAMENTO	FREQÜÊNCIA	PERCENTAGEM (%)
Evita a rotina e a improvisação	X	30
Colabora na elaboração dos objetivos	X	25
Promove a eficiência do ensino aprendizagem	X	20
Garante mais segurança no processo	X	15
Apresenta organização	X	10
Total		100

Fonte: Entrevista

A tabela pretende apresentar o grau de aceitação na efetivação do planejamento pedagógico com suas respectivas situações.

TABELA 2 – Dificuldades encontradas para a elaboração do planejamento pedagógico.

TABELA 2: DIFICULDADES ENCONTRADAS PARA A ELABORAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

PARTICIPAÇÃO / PLANEJAMENTO	FREQÜÊNCIA	PERCENTAGEM (%)
Metodológicas	X	52
Organizacionais	X	48
Total		100

Fonte: Entrevista

A tabela intenta demonstrar quais os motivos que levam os professores a não participarem efetivamente da elaboração do planejamento escolar abordando as dificuldades nas condições metodológicas e organizacionais.

TABELA 3 – Tipos de métodos de ensino utilizados pelos professores em sala de aula.

TABELA 3: TIPOS DE MÉTODOS DE ENSINO UTILIZADOS PELOS PROFESSORES EM SALA DE AULA

MÉTODOS DE ENSINO	FREQÜÊNCIA	PERCENTAGEM(%)
Individual	X	42
Socializado	X	58
Total		100

Fonte: Entrevista

A tabela apresenta os dois métodos de ensino mais utilizados pelos professores na sala de aula.

TABELA 4 – Desenvoltura na leitura.

TABELA 4: DESENVOLTURA NA LEITURA

NÍVEL DE ENSINO	SÉRIE	Nº AMOSTRA GEM	REGULAR	BOM	(%)
Fundamental	4 ^a	28	40%	60%	100
	5 ^a	22	45%	55%	100
	6 ^a	30	53%	47%	100
	7 ^a	20	40%	60%	100
	8 ^a	15	47%	53%	100
	9 ^a	15	38%	62%	100

Fonte: Entrevista

A tabela se refere ao resultado por amostragem da aprendizagem dos alunos da 4ª a 9ª série do ensino fundamental.

TABELA 5 – Alunos evadidos no ensino fundamental – I

TABELA 5: ALUNOS EVADIDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

MATRICULA	SÉRIE	EVASÃO
35	1ª	06
35	2ª	04
35	3ª	05
40	4ª	08
Total		23

Fonte: Instrumentais

A tabela demonstra a grande necessidade do professor entender a importância da utilização de metodologias inovadoras na prática docente. O que vimos nos quadros são evasões nas séries iniciais onde deveria existir uma atração pedagógica para que esse fenômeno não prejudicasse a sequência de aprendizagem dos alunos.

4.2. Conclusões e Recomendações

Ao analisarmos a prática pedagógica dos professores das classes do 1º ao 5º ano por amostragem, destacamos uma grande resistência no que concerne ao estudo, à apropriação de novos conhecimentos, novas metodologias de ensino, diversificação de estratégias e conseqüentemente mudança de postura, considerando que a conjuntura social é mais exigente

e vive o mundo da multimídia. Dentre esses professores, alguns demonstraram disponibilidade para aderir às mudanças, porém alegaram ausência de motivação e ficou claro ainda que a iniciativa não se faça presente, então gera uma transferência de responsabilidade do fazer pedagógico.

A pesquisa nos levou a refletir sobre os resultados do processo de ensino e aprendizagem, por vários motivos: e um deles que é notório, é a ausência da compreensão a respeito da missão da escola, quando esta se designa por missão, desenvolver o processo pedagógico com qualidade e com a colaboração de todos em suas funções específicas. O que foi observado nesse aspecto é que, a escola precisa de mais sintonia e que a ação pedagógica deve ser entendida por todos como a mais importante e que é ela a justificativa da existência da escola.

Durante toda a investigação foi possível observar com clareza que, o planejamento pedagógico que não era visto por sua importância no desenvolvimento da prática pedagógica pela maioria dos professores entrevistados, e sim como uma tarefa apenas a ser realizada, visto ainda que a gestão administrativa da escola não se envolve, deixando a critério da coordenação pedagógica que por sua vez tem muitas limitações no relacionamento com o grupo.

No que se refere ao relacionamento dos docentes com os discentes, a maioria se relaciona cordialmente, porém precisando melhorar o relacionamento com os conhecimentos, pois esse aspecto não apresenta um bom relacionamento. É significativo ressaltar ainda que, o processo de avaliação da aprendizagem vivenciado, nos remete uma volta ao passado de décadas, em que o aluno era apenas receptor e o processo de avaliação seria para medir a capacidade do aluno, não

significando, portanto, um espelho para o professor aprimorar a sua prática partindo do erro para a construção do acerto.

Partindo dessa cultura concretiza-se a observação sobre a resistência quanto à aquisição de novas leituras, pois para que haja mudanças concretas é preciso que todos estejam realmente abertos às mudanças. Principalmente no caso dos professores estando sempre freqüentando as formações.

Pirrenoud (2001 a, 2001c, 2002) aponta a necessidade do desenvolvimento de práticas reflexivas por parte do professor afim de que este possa propiciar o desenvolvimento de competências de seus alunos. Através dos questionários aplicados junto aos professores foi visto que, alguns professores contradizem-se quando se referem à importância da didática metodológica, pois ao falarem de “organização da prática” estão eles se referindo a uma metodologia que faça a aula ser atrativa, encantadora, porém alguns chegam a dizer:” didática é coisa ultrapassada a aula é moderna não precisa seguir regras” E afinal o que passa na compreensão desses professores sobre a prática de ensino?

Há também de se colocar que o ambiente da escola é aprazível e oferece condições para um desempenho mais significativo, acreditamos por tudo o quanto foi visto e ouvido que, é preciso uma grande mobilização em prol de mudanças concretas a partir do professor passando a entender melhor a sua função, a gestão escolar necessita também apropriar-se de concepções mais coerentes a respeito do que significa gestão e seus desafios para esse século, não se trata aqui de nomear professor e gestores como pessoas descompromissadas e sem competência, acreditamos que há preocupação com o estado em que se encontra a escola, na sua razão de ser que, é o

exercício cotidiano do processo de ensino e aprendizagem, mas o caminho para a realização deste com eficiência e eficácia está sendo difícil encontrá-lo.

Essa pesquisa embasou-se nos estudos de vários teóricos que defendem a didática como um grande contribuinte para qualificar o desenvolvimento da prática pedagógica. Finalmente fica uma pergunta como modificar a atual situação? Se não existem soluções breves, e na educação temos que fazer agora para colher daqui alguns anos, não restam dúvidas que outros elementos também convergem para dificultar o sucesso das atividades pedagógicas na sala de aula, a falta do material pedagógico, a centralização das decisões, mas mesmo assim não justifica o comodismo de determinados profissionais. Entretanto, devemos ser cautelosos para não admitirmos uma falsa idéia de escola democrática e participativa. Ela só será democrática quando atender a todos, educar e ensinar com competência.

A proposta de uma prática docente com eficiência, que apresente resultados motivando a sociedade a acreditar e sonhar com uma nação desenvolvida acarreta para si a necessidade de um trabalho em conjunto, com a manutenção do diálogo frequente, estudo, leitura, respeito ao ritmo de aprendizagem do aluno e principalmente planejada com coerência. Desta forma, percebemos segundo os resultados da presente pesquisa, uma prática pedagógica necessitando de novas leituras, quebra de paradigmas e melhor interação entre docente e discente.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. **Administração da Educação, Poder e Participação**, São Paulo:Cortez, 1998.

CANDAU (org.) Vera Maria: **Resumo a uma Nova Didática, Rio de Janeiro**: VozesLTDA, 1988.

CORDEIRO, Jaime. **Didática**, São Paulo: Contexto. 2009.

COMENIUS, J. A. **Didática Magna**: Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos,Lisboa: Fundação Colouste Gulbenkian, S/d.

CONTRERAS, José. **A Autonomia de Professores**, São Paulo: Cortez. 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática EducativaSão Paulo: Paz e Terra. 1996.

FUSARI, Maria F. R. **Comunicação, Mídias e Aulas de Professores em Formação**.São Paulo: Vozes, 2008.

GOODSOM, Ivor F. **Currículo**: Teoria e História. Petrópolis: Vozes. 1995.

GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder**: Introdução a Pedagogia: São Paulo. Cortez,1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez. 1994.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da Aprendizagem Escolar:** Estudos e Proposições. São Paulo. Cortez, 1995.

MOREIRA, Antonio F. **O Currículo como Política Cultural e a Formação Docente.** Petrópolis: Vozes, 1997.

PURA, Lucia O. M. **Didática Teórica Didática Prática para além do Confronto.** São Paulo: Loiola, 1989.

RIOS, T. A. **Ética e Competência.** São Paulo: Cortez. 2002.

SILVA, T. T. e MOREIRA. A. F. **O Currículo e os Novos Mapas Políticos e Culturais.** Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

VASCONCELOS, Celso. **Avaliação:** do “É proibido reprovar” ou “é preciso Ensinar”: fortaleza: (Mimeo), 1996.

VEIGA, Ilma. P. A.: **Repensando a Didática.** São Paulo: Papiros, 2006. LIBÂNEO, José Carlos; **Didática;** São Paulo; Ed Cortez; 1994.

CHARLOT, Bernard. **A mistificação Pedagógica.** Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1979. GHIRALDELLI JR., Paulo. **O que é Pedagogia.** São Paulo, Brasiliense, 1988.

LUCKESI, Cipriano C. **Filosofia da Educação.** São Paulo, Cortez, 1990.

SAVIANI, Dermeval. **Sentido da Pedagogia e o papel do pedagogo.** Revista da Ande(9), São Paulo, 1985.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública**. São Paulo, LOYOLA, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo, Cortez, 1978.

SELMA GARRIDO PIMENTA, EVANDRO GHEDIN (orgs.) – **O Professor Reflexivo no Brasil**. São Paulo; Cortez, 2002.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O Currículo uma reflexão sobre a prática**. Porto alegre; Ed.Artmed; 3ª ed., 1998.

PIMENTA, Selma Garrido. **Orientador Educacional ou Pedagogo**. Revista da Ande,(11), São Paulo, 1985.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Elementos para uma didática no contexto de uma Pedagogia para a transformação. **Anais da II CBE**, São Paulo, Loyola, 1984.

MARTINS, José Prado. **Didática geral**. São Paulo, Ática, 1986.

NERICI, Imídeo. **Didática-Uma introdução**. São Paulo, Atlas, 1986.

NIDELCOFF, Maria T. **Ciências Sociais na escola**. São Paulo-Brasiliense, 1987. PILETTI, Claudino. **Didática Geral**. São Paulo. Ática, 1986.

MIALARET, Gaston. **Introdução à Pedagogia**. São Paulo, Atlas, 1977. ROSEMBERG, Lia. **Educação e Desigualdade**

Social. São Paulo, Loyola, 1984.

FRANCO, Luiz.A.C. **A escola do trabalho e o trabalho da escola.** São Paulo, cortez/autores associados, 1986.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia.** São Paulo, cortez/ autores associados1986.

NÓVOA, Antonio (org). **Profissão professor.** Porto Editora, 1992. CANDAU, Vera Maria F. **A didática em questão.** Petrópolis, Vozes, 1986.

ALMEIDA, Célia S. **Projeto do curso de licenciatura plena em pedagogia:** magistériodas séries iniciais do ensino fundamental. Cuiabá: UFMT, 1996.

CAVALCANTE, Margarida. **CEFAM:** uma alternativa pedagógica para a formação doprofessor. São Paulo, Cortez, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Os Conteúdos Escolares e sua dimensão crítico-social,**Revista Ande, (11), São Paulo, 1986.
DAVIS, Claudia e OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia da Educação.** São Paulo, Cortez,1990.

ABREU, M. M. **Serviço social e a organização da cultura:** perfil pedagógico da prática profissional. São Paulo: Cortez, 2002.

ALMEIDDA, N. L. T. **Parecer sobre os projetos de Lei que dispõem sobre a inserçãodo Serviço Social na Educação.**

Caderno Especial n.26 – edição 4 a 25

ALMEIDA, N. T. Considerações para o exame do processo de trabalho do Serviço social. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n.52, p.24-47, 1996.

ANDRADE, C. D. **Procurar o quê**. In: Nova reunião: 19 livros de poesia. Rio de Janeiro: José Olympio/INL, 1983.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1998.

ANTUNES, R.; ALVES, G. **Globalização e educação: precarização do trabalhadocente**. Revista Educação e Sociedade, Campinas, v.25, n.87, maio/ago. 2004.

ARANHA, M. S. F. **Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência**. Revista do Ministério Público do Trabalho, ano XI, p.162-73, 2001.

ARELARO, L. R. G. **O ensino fundamental no Brasil: avanços, perspectivas e tendências**. Revista Educação e Sociedade, Campinas, v.26, n.92, 2005.

ARRETCHE, M. **O processo de descentralização das políticas sociais no Brasil e seus determinantes**. 1998. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências Políticas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.

AZEVEDO, F. **A cultura brasileira**. 5.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

AZEVEDO, J. C. **Escola**: construção coletiva e participação popular. In: SILVA, L. H.(Org.) A escola cidadã no contexto da globalização. 3.ed. Rio de Janeiro:Vozes, 1999.

ARROYO, Miguel. **Outros sujeitos**, outras pedagogias. 2 ed, Petrópolis, RJ: Vozes,2014.

GADOTTI, M. **Concepção dialética da educação**: um estudo introdutório. SãoPaulo: Cortez, 2001.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília/DF:Láber Livros Editora, 2005. (Série Pesquisa em Educação, n °10).

GENTILI, P. **Pedagogia da exclusão**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

GENTILI, P.; FRIGOTTO, G. A. (Org.) A cidadania negada. Políticas de exclusão na educação e no trabalho. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LIBÂNEO, J. C. et al. (Org.). **Educação escolar**: políticas, estruturas e organização.2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LIBÂNEO, J. C. **Educação escolar**: políticas, estruturas e organização. 2.ed. SãoPaulo: Cortez, 2005

